

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Sílvia Motta Logatti

Poesia e psicologia: um olhar poético sobre a postura
terapêutica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Sílvia Motta Logatti

Poesia e psicologia: um olhar poético sobre a postura
terapêutica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação do Prof. Doutor Gilberto Safrá.

SÃO PAULO

2010

Banca Examinadora

Aos Meus Pais

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, que com muito apoio e paciência, ficaram comigo durante toda a jornada.

Ao CNPQ pela bolsa concedida, que tornou este trabalho possível de ser realizado.

Ao orientador deste trabalho Prof. Dr. Gilberto Safra, que com muito apoio me deu rumo e prumo a ser seguido.

À minha banca de qualificação. Ao Kleber Barreto pela contribuição filosófica que, por estar fora da “praia” heideggeriana, soube ler meu texto com muita clareza e sinceridade, apontando exatamente onde o texto perdia de vista a condição paradoxal dos homens. À Dulce Critelli pela convocação a reescrever minhas vinhetas clínicas à luz das reflexões heideggerianas.

Ao Luis Cláudio Figueiredo, Andrés Aguirre Antúnez e Suzana Maia que gentilmente aceitaram participar da banca.

Ao Vinícius Lima por todo carinho, amor e compreensão.

A minha mãe/corretora de texto pelo excelente trabalho. Tem gente que estuda muito para aprender alguma coisa e ainda assim não consegue direito. Tem gente que sabe por faro. Eu sou das primeiras, ela é das segundas.

Ao meu padrinho Kleber de Almeida que, com todo carinho e dedicação, leu todo o texto e deu preciosas dicas.

Ao Luis por toda indicação bibliográfica do segundo capítulo e, a todos os amigos da Rua Felipe Cavalcanti que torceram muito por mim.

Aos amigos da vida, sem eles eu não seria nada.

Às priminhas do coração.

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.”
Mensagem, Fernando Pessoa.

RESUMO: A partir do seu percurso, como psicóloga e estudante de filosofia, a autora faz uma aproximação entre postura poética e postura terapêutica, utilizando-se de reflexões heideggerianas. Via imagens poéticas, desenvolve primeiramente a questão do Ser (ontologia), e, alerta para o quanto esta foi marginalizada ao longo do pensamento ocidental. Examinar a questão, leva a necessidade de compreender o homem, uma vez que este é o ente que pergunta pelo ser. Pela análise da condição humana, mostra a importância de romper com os referenciais cartesianos e compreender a intimidade como abertura frente ao mundo. O homem existe, esta com os outros, e, em comunidade. No terceiro capítulo, é discutido o porquê das imagens poéticas terem sido utilizadas para a compreensão da questão do ser. A poesia faz uma ontologia direta e desloca do âmbito da lógica para o da ontologia a discussão do conceito de verdade; que passa de verificação do real para o desvelamento/velamento (alethéia) dos entes. Toda obra de arte é poética, no sentido que deixa acontecer o advento da verdade do ente enquanto tal. A poesia ocupa um lugar marcante na totalidade das artes, já que usa a linguagem. O homem como habitante da linguagem celebra os entes. Poeticamente o homem habita, mas vivemos numa era indigente, na qual a linguagem passou a ser mera representação de sentimentos de um sujeito. O homem e a cultura contemporânea estão adoecidos. No quarto capítulo desenvolve os modos de ser característicos de nossa era indigente e possíveis intervenções. Por fim, a autora conclui que em tempos indigentes é preciso, mais do que remeter a letra heideggeriana, habitar a sua postura.

PALAVRAS CHAVES: HEIDEGGER, POESIA, PSICOLOGIA E POSTURA TERAPEUTICA.

ABSTRACT: From her trajectory, as a psychologist and a philosophy student, the author makes an approximation between poetry posture and therapeutics posture, using Heidegger's reflections. The first chapter develops "the question of being" (ontology) using poetry images, and, makes an alert how this question was marginalized by the Western thought. To examine the question of being, it's necessary to examine the human condition, because the man is the entity that asks for the being. By the analyses of the human conditions, the research shows the importance of breaking up with Cartesians' reference, to comprehend the human's intimacy as world openness. The man exists, the man is with the others mans, and lives in community. The third chapter argues why it used poetry images to understand "the question of being". The poetry makes an immediate ontology, and dislocates from logician's ambits to ontology's ambit, the question of the true. It pass from, the verifications of the real, to unveiled/veiled of entities (aletheia). All the artwork are poetics, on the sense that let the institution of the true happens. The poetry occupies an important place on the totality of artwork, it uses the language. The man as a resident of the language celebrates the entities. The man lives poetry, but now we live in an indigent time, so the language is no more than feelings representations of a subject. The man and the contemporary culture are sick. The fourth chapter develops the "way of being" of our indigent time and possible interventions. The author concludes that in indigent time, more than remit to Heidegger's letter, we have to inhabit his posture.

KEY WORDS: HEIDEGGER, POETRY, PSYCHOLOGY AND THERAPEUTIC'S POSTURE.

ÍNDICE

Apresentação.....	1
Introdução.....	2
Capítulo 1- Percursos.....	12
1.1 Caminho até formação em psicologia.....	12
1.2 Trabalho numa escola infantil.....	15
1.3 Consultório e acompanhamento terapêutico.....	17
1.4 E a filosofia?.....	18
Capítulo 2- A questão do ser.....	20
2.1 O ser, o nada e o ente.....	20
2.2 Registro ôntico X Registro ontológico.....	23
2.3 A condição humana como abertura.....	26
2.4 O brincar.....	32
2.5 O papel da família e da comunidade e nossa contribuição terapêutica.....	37
2.6 O inconsciente.....	41
Capítulo 3- O ser e o poético.....	46
3.1 O poético como ontologia direta.....	46
3.2 Essência da verdade e verdade da essência.....	48
3.3 Linguagem e poesia.....	55
3.4 Idioma pessoal.....	61
3.5 Poeticamente o homem habita.....	69
Capítulo 4- Modos de ser característicos de nossa era e possíveis intervenção.....	82
4.1 Bidimensionais.....	82
4.2 Tridimensionais.....	83
4.3 Abismais e espectrais.....	84
Considerações Finais.....	88
Referências Bibliográficas.....	97

APRESENTAÇÃO

O percurso de um clínico acolhe determinados eventos que o intrigam e que o levam a refletir não só sobre a situação clínica, mas também sobre o contexto cultural no qual estes fenômenos ocorrem. Nesta perspectiva a narrativa desse caminho explicita experiências nodais, que talvez se possa dizer que influem de maneira intensa no modo como se pratica esse tipo de atividade. Estamos deste modo diante de um relato que não é mera expressão subjetiva, mas sim explicita o outro, que nos instiga e que nos demanda pesquisa e formulação.

Os eventos nodais na vida de um clínico são verdadeiros acontecimentos poéticos, que o ensina sobre a sua prática, para além do que é possível aprender por meio da leitura de textos teóricos.

Esse trabalho tem como foco de investigação e reflexão a ação poética na situação clínica de uma psicoterapeuta. Para realizá-lo buscamos uma perspectiva de trabalho dialógica em diferentes eixos: terapeuta e pacientes, terapeuta e interlocutores em Psicanálise e em Filosofia, pesquisadora e orientador e outros diálogos que nesse momento não estão tão explicitados.

Bahktin¹ (1974) nos ensina que o sentido aparece como fruto do diálogo. Em seu modo de ver as relações dialógicas se definem pelo fato de que por trás dos textos estão pessoas reais com suas experiências. As relações dialógicas são, portanto, relações pessoais. Como fruto desse diálogo se produz um texto que é dirigido a outros destinatários com quem se procura manter a experiência dialógica. Portanto o método de investigação aqui utilizado é de natureza dialógica, constituído pelo diálogo entre o pesquisador e o autor do texto estudado, pesquisador e o orientador e pesquisador e todos aqueles que lerão esse trabalho. Segundo a concepção de Bahktin, a investigação, realizada desse modo, se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo.

Vamos ao texto...

¹BAHKTIN, M. (1974) Metodologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003e. p. 393-41.

INTRODUÇÃO

Gilberto me dispensou dos livros,
E eu me descobri poeta.
Estranho pedido:
“não leia nada, escreva seu caminho”.
Os livros me davam segurança,
Autorizavam-me a pensar o que eu estava pensando.
Ler é bom, mas distrai.
O poeta já havia me alertado que os livros são os sonhos de outrem.

Sem distração fui pensar no meu caminho.
Não consegui.
Resolvi viver meu caminho e sonhá-lo.

O poema acima conta a história do primeiro encontro com meu orientador. Longe de me sugerir uma extensa bibliografia para começar a desenvolver esta dissertação, ele me fez um simples pedido: “escreva seu percurso como psicoterapeuta, ressaltando os momentos poéticos”.

Confesso que estava tão acostumada a ler densos livros para conseguir pensar e escrever a respeito de algo, que sair sem nenhuma indicação de leitura foi desorientador. Completou a “desorientação” dizendo que minha escrita deveria ser em forma de crônica.

Foi a primeira vez que eu me dei conta de que o que eu tinha vivido até então como psicóloga serviria de “material” para este trabalho. Entrei no mestrado com a disponibilidade de fazer um trabalho teórico, achava muito pretensioso, com a pouca experiência que tinha, escrever algo no campo prático.

O simples pedido me tirou da minha confortável morada teórica. Fiquei seis meses tentando escrever o tal percurso, e a primeira versão ficou pobre e muitos aspectos importantes da minha caminhada foram deixados de lado.

Independentemente do primeiro resultado, fiquei com o convite de escrever esta dissertação inteira com base em minha atuação profissional. Gilberto acolheu o texto que estava pobre, e, generosamente, disse que estava bom, e que eu não me preocupasse, pois, ao longo do tempo, eu deveria voltar e reescrevê-lo, mas que era preciso prosseguir. Gostaria, entretanto, de contar um pouco mais sobre esses seis meses, que foram muito intensos.....

Pensar o meu percurso foi pensar o meu percurso..... Tive que olhar para tudo que tinha feito e estava fazendo até o momento em minha vida profissional. Mudanças foram inevitáveis. Tive que sair de lugares aos quais já não fazia mais sentido pertencer, por preguiça ou por falta de atenção às vezes carregamos certos cadáveres por longo tempo. Tive que entrar em outros que estavam me chamando há tempos, mas, pelo mesmo motivo que ficava nos lugares cadáveres, insistia em não entrar. E assim se deu o começo da minha escrita poética.

Aos 28 anos.....

Agora que aprendi a escrever,

Não queria mais parar.

Tenho medo,

Medo de acabar o que tenho a dizer.

Me sinto rasa,

Rasa de tal maneira, que depois de colocar no papel o que tenho a dizer fico vazia.

Vazia e aflita.

Será que vou voltar a ter o que dizer?

Quando um poema cresce em mim, ele não nasce, eclode.

Eclode e não deixa rastros.

Esvaziada e sozinha, rezo para voltar a ter o que dizer.

Por email já tinha mandado o tal percurso para Gilberto. Mas sentia a necessidade de mostrar meus “outros escritos” para ele. Como o próprio relatou em um dos seus livros, certa vez um garoto lhe mostrou os versos que tinha feito a

pedido da professora, eram versos escolares, rimados, plenos de lugar comum. Depois de um tempo em silêncio ele falou que a professora tinha adorado, mas que os versos eram uma droga, feitos apenas para agradá-la. Pegou o caderno, virou ao contrário e mostrou suas poesias escritas em versos livres e que, segundo o terapeuta, eram vivas (SAFRA,2004)².

Eu também tive a oportunidade de virar o meu caderno ao contrário, mas foi difícil. Com muito medo do ridículo, peguei meus escritos e marquei um encontro para mostrá-los. Era impossível mandá-los por email, queria estar lado a lado quando ele os lesse. Nunca tinha deixado minhas poesias sozinhas.....

Ao terminar perguntei se elas tinham algum valor. Ele respondeu que sim. Mas então poderia usá-las em minha dissertação?

-“Sim, aquela que tem o título “Análise” é o cerne do seu trabalho.”

Sai de lá com isto ressoando em meus pensamentos. Meus escritos começavam com as poesias que eu considerava “acabadas”. Tinha uma segunda parte que eram “inacabadas”. Lá eu colocava as poesias que para mim ainda não diziam nada, e se com o tempo elas continuassem mudas, deveriam ser apagadas. A “Análise” estava entre as inacabadas. E agora apresento-a:

Tem gente que quer fazer análise

E a analisar seus conteúdos.

Mas como ficam os conteúdos depois da análise?

Quis fazer a análise de um poema,

E encontrei palavras, vírgulas e pontos.

Acho que preferia o poema.

Dizem que é preciso descobrir cada um de meus conteúdos para saber lidar com eles.

Não acho que seja assim.

Só com as palavras, vírgulas e pontos o poema não sai.

² SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias&Letras.2004

É preciso sonhar o poema.

Não quero fazer análise,

Quero sonhar sínteses.

A primeira coisa que eu fiz foi mudá-la de lugar, foi para a primeira parte, das que dizem alguma coisa. A escuta do meu orientador deu um sentido para esta poesia que eu nem sabia que tinha, o gesto dele legitimou a minha criação, deu um lugar para a minha poesia.

A palavra que ele usou foi forte. Cerne, segundo o dicionário, é: “1. Parte interna e mais dura do lenho das árvores. 2. Ponto principal; essência” (BORBA, 2004)

Impossível não juntar o primeiro significado da palavra com o segundo. A parte interna e dura do lenho da árvore, e que não se penetra, sob risco de esfacelar e matar a árvore, tem sua essência, seu ponto principal. O cerne da árvore a sustenta, e assim podemos ver a árvore bela e formosa, mas não conseguimos olhar dentro do cerne. A poesia que é o cerne do meu trabalho, não deve assim ser dissecada, mas deve dar sustentação e conter o principal, a essência do trabalho.

A poesia não é feita de palavras, pontos e vírgulas. A poesia é feita de palavras, pontos e vírgulas. Podemos dizer que as duas frases estão corretas. Podemos dizer que as duas frases estão incorretas. Elas se excluem, enfim, são contraditórias entre si. Ou ficamos com a primeira, ou ficamos com a segunda. Mas queremos ficar com as duas!!!! O que é, enfim, a poesia?

“Cuidado!

A poesia não se entrega a quem a define.” (QUINTANA,2006, p.388)³

O poeta dá uma preciosa dica: a poesia não se entrega a quem a define. Para que a entrega se dê é necessário um encontro com a poesia, sem sede de dissecá-la:“Ela se preserva, resiste e revela algo do originário da condição humana. A

³Quintana, M. *Caderno H*. São Paulo: Globo, 2006

poesia diz e preserva o mistério” (SAFRA, 2004, p.46)⁴. E como se continuasse essa bela fala, o poeta diz:

“Compreender o que se fala
é esbarrar na sem-caráter,
inominável, corisca poesia.” (PRADO,2006, p.13)⁵

A poesia, ao resistir e preservar seu mistério, revela algo da condição humana. Para compreendermos o que nossos pacientes estão nos contando, precisamos abrir mão de um saber estabelecido, e nos entregarmos aos riscos do encontro com eles. Caso consigamos encontrá-los damos uma morada, um lugar, para eles e sua caminhada continua. O paciente é encontrado, em sua especificidade, mas nunca capturado e dissecado.

Vivemos numa era saturada pela técnica, que tem sede de definir e dissecar tudo a sua volta. O poema já não ressoa mais, e muitas vezes é visto como um amontoado de palavras, pontos e vírgulas. Assim como, muitas vezes, as teorias psicológicas já têm tudo dissecado sobre a condição humana, mesmo antes de um primeiro encontro.

Quando se quer fazer um trabalho que aproxima postura terapêutica de postura poética, não faz sentido a separação entre teoria e prática, uma vez que mais do que remeter a letra de um grande teórico, precisamos habitar uma postura: “Teorias literárias muitas vezes são defesas contra a literatura, assim como teorias psicológicas são pequenas fobias diante do terremoto humano” (PESSANHA, 2006, p.32)⁶. Por isso que, na minha primeira orientação, foi-me pedido para escrever o meu percurso, ao invés de uma indicação bibliográfica.

Mas os livros também são importantes. Não estou aqui “inventando” um modo de pensar a psicologia totalmente novo, outras pessoas já fizeram isto antes de mim.

⁴ SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias&Letras.2004

⁵ Prado, A. Espírito das Línguas. In: *Terra de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

⁶ Pessanha, J. *Certeza do agora*. Cotia, SP: Ateliê Cultural, 2006.

As minhas maiores referências “teóricas” foram Heidegger e os poetas. Sabemos, no entanto, que eles nos dizem da condição humana, mas nunca se pretenderam terapeutas, foi preciso pensar tudo isto no nosso lidar cotidiano como psicólogos. Para esta missão, usei minha experiência clínica e caminhei lado a lado com Safranski que, nos seus livros, tem este mesmo referencial (além de outros). Outra companhia foi Winnicott, que se lido sob o vértice da condição humana, caminha em alguns momentos muito próximo a Heidegger.

Apesar de Heidegger nunca ter feito de sua filosofia ontológica uma ciência ôntica, o filósofo teve sim contato com médicos e psicólogos ao longo de sua vida⁷. Primeiramente como paciente e depois como professor.

O filósofo foi forçado a se aposentar e proibido de lecionar nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, sofrendo um colapso físico e mental. Em 1946, passou por um período internado em uma espécie de clínica psiquiátrica e se submeteu a tratamento com o médico e psicólogo Victor Von Gebtsal, que pertencia à escola de Ludwig Binswanger⁸ (JARDIM, 2009)⁹. Segundo Safranski (2000)¹⁰, o próprio Heidegger teria dito em certo momento sobre sua experiência com Gebtsal: “ajudou-me como humano. E três semanas depois voltei curado”(p.411).

Em 1947, recebeu a primeira carta do psiquiatra suíço Medard Boss, que lera *Ser e Tempo* no período de guerra, e com quem terá fortes vínculos de amizade. Foi Boss que organizou os seminários de Heidegger para médicos e psicoterapeutas em Zollikon, na Suíça.

⁷ A aproximação da psicologia com a filosofia heideggeriana muitas vezes gera gritos de protesto na comunidade filosófica.

⁸ Um dos fundadores da *análise do ser-ai inspirada na filosofia heideggeriana*.

⁹ Jardim, L.E. *Um estudo sobre as afinações a partir da ontologia fundamental de Martin Heidegger: contribuições para as práticas clínicas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)-PUC-SP. 2009

¹⁰ Safranski, R. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o Bem e o Mal*. Tradução Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

Mais tarde, estes encontros viraram um livro¹¹, que em seu prefácio tem o seguinte comentário de Boss:

Um dia, o próprio Heidegger confessou que desde o início tivera grandes expectativas da ligação com um médico que parecia compreender seu pensamento. Ele via a possibilidade de que seus insights filosóficos não ficassem limitados às salas dos filósofos, mas pudessem beneficiar um número muito maior de pessoas e, principalmente, pessoas necessitadas de ajuda. (2001, p.11)

Heidegger era um profundo conhecedor do pensamento ocidental. O filósofo sabia que as noções, de sujeito cartesiano e da técnica moderna, foram decisivas para o estabelecimento da psicologia enquanto ciência. Sendo assim, o cotidiano da psicologia está assentando no saber técnico, que ao formatar cada paciente, rouba o gesto poético e corre o risco de adoecê-lo ainda mais.

A clínica contemporânea esta assentada neste modo de conceber a verdade que oculta o mistério. Abre mão do encontro com o inédito e singular, que é a vida de cada um, afinal já está tudo catalogado em algum manual. Muitas vezes é apressada e não gosta de encontros.

Mas a condição humana não pode estar catalogada, uma vez que o homem é um peregrino que caminha e faz de sua passagem história que termina ao morrer.

Dizer que a postura terapêutica deva coincidir com a postura poética, significa dizer que, em qualquer tipo de intervenção terapêutica, a condição ontológica do homem enquanto peregrino, que pergunta pelo ser e assim busca sentido pela sua existência, deve ser contemplada.

O homem é o ente que constrói uma história inédita dentro de uma tradição, só a partir destas considerações é possível pensar que o gesto fundamentalmente humano é o gesto poético e que poeticamente habita o homem.

Um outro modo, mais simples de dizer isto, é : “tratar gente como gente”, em qualquer ocasião. Assim, nossa intervenção terapêutica é pautada no lugar que o homem ocupa no mundo.

¹¹ Heidegger, M. *Seminários de Zollikon*. Tradução Gabriella Arnhold. São Paulo: Educ: 2001.

A palavra ética vem do grego “ethos” que significa lugar. Dentro destes referenciais, ética é cuidado! Aqui quando penso em ética penso em ethos¹². O lugar que o homem habita o mundo, enquanto peregrino solitário que precisa estar ao lado do outro e na comunidade para continuar sua caminhada. O gesto humano só faz sentido quando acolhido por outro homem.

Mas como a postura terapêutica pode se encontrar com a postura poética? Como acolher o que o paciente nos traz? A poetiza Clarice nos vem dar uma luz sobre sua postura. Em um de seus textos ela se diz incumbida de tomar conta do mundo e com isto ficar sabendo como o mundo é, em seguida afirma: “Tomar conta do mundo exige também muita paciência: tenho que esperar pelo dia em que me apareça uma formiga” (1973,p.73)¹³

A paciência que Clarice diz ter em esperar por aquilo que vêm de encontro a ela, no tempo da formiga, acho que diz também da paciência que nós terapeutas temos para poder encontrar aquilo que nosso paciente traz, no tempo dele.

A mania de construção que tapa voluntaria e completamente o caminho para o aberto também chegou aos nossos consultórios, paramos de ouvir queremos resolver tudo logo. Para que ouvir o relato de uma jovem tida como bipolar, se o que ela está contando, com tanto entusiasmo, é fruto de um episódio de mania? Ou ficar ao lado de uma pessoa deprimida em um quarto escuro, se tudo isto passa ao tomar um antidepressivo?

Na postura poética registramos e acolhemos o óbvio, quando conseguimos escutá-lo. Winnicott ¹⁴nos disse a esse respeito:

Psicoterapia não é fazer interpretações argutas e apropriadas; em geral, trata-se de devolver ao paciente, a longo prazo, aquilo que o paciente

¹² Chega a ser surpreendente pensar ética enquanto lugar, uma vez que faz parte de um dos instrumentos da era da técnica transformá-la em comitês. Certa vez, numa das aulas do mestrado, um amigo disse uma frase que fez muito sentido: *-Ali onde a ética acaba é que começam os comitês.*

¹³ Lispector, C. *Água Viva*. São Paulo: Artenova, 1973.

¹⁴ Winnicott, D. “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, *Brincar e Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editor, 2004.

traz. É um derivado complexo do rosto que reflete o que há para ser visto. Essa é a forma pela qual me apraz pensar em meu trabalho, tendo em mente que, se o fizer suficientemente bem, o paciente descobrirá seu próprio eu (self) e será capaz de existir e sentir-se real. Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo do existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (self) para o qual retirar-se, para relaxamento. (2004, p.161)

Acho muito próximas as falas de Winnicott e Clarice. Dizem da mesma paciência e esbarram numa simplicidade. Este modo simples, entretanto, não é fácil, uma vez que é necessário o encontro com o outro. Muitas vezes pode ser exaustivo.

Apesar de nossa era estar cada vez mais saturada pela técnica, e a poesia cada vez mais exilada, devo dizer que sou uma sortuda, sempre no meu caminho encontrei cuidado que me acolheu e deu uma breve morada. Nesta dissertação não foi diferente, e só saiu pela companhia de meu orientador, que mais do que dizer o que eu deveria fazer, me dava um rumo a seguir. Afinal, ninguém escreve nada sozinho.

Minha primeira orientação, pode ter me tirado o chão ou morada teórica, como disse acima, mas os encontros seguintes foram essenciais para que eu encontrasse uma nova morada e o resultado aqui se encontra. Nesta introdução, dei o primeiro exemplo do que chamo de postura poética, como aquela que dá lugar a morada humana. Mais do que uma postura dentro de nossos consultórios, é uma postura ética perante as outras pessoas. Assim, minhas “vinhetas clínicas” aconteceram no consultório, no acompanhamento terapêutico e na escola que eu trabalhei. Ora sou cuidadora, ora sou cuidada.

Dentro da proposta de habitar a postura poética, desenvolvi todo o texto. O leitor encontrará, no primeiro capítulo, o caminho que percorri para a chegada deste tema. No segundo capítulo, resgato a pergunta pelo ser, que em tempos indigentes ficou esquecida, e sua importância no âmbito clínico. No terceiro capítulo aproximo a questão do ser e o poético, passando pelas questões da verdade, da arte e da linguagem e seus desdobramentos na clínica. No quarto capítulo, desenvolvo junto

com Safra (2006)¹⁵ e sem sede de metapsicologia, os modos de ser característicos de nossa era e possíveis vértices de atuação. E, por fim, as considerações finais.

¹⁵ Safra, G. *A Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

CAPÍTULO 1: PERCURSOS....

1.1)Caminho até formação em psicologia.

Sinceramente não me lembro como se deu a minha escolha pelo curso de psicologia, afinal era muito jovem. Há poucos psicólogos na minha família. O único contato que eu tive com um profissional da área foi de ouvir as histórias dos meus dois irmãos mais velhos que, cada vez que nascia um novo irmão, iam para a psicóloga tia Helô por conta dos ciúmes. Como sou a caçulinha, não tive que ir.

Toda vez que me perguntavam o que eu ia fazer quando crescer eu respondia: “Quero ser igual a tia Helô”. Meus irmãos ficaram “bons” logo e a tia Helô sumiu do convívio e histórias familiares. Com cinco anos eu já tinha esquecido desta história, que foi lembrada nestes últimos tempos, ao pensar o que me levou a ser psicóloga.

Logo no colegial fui morar durante um ano nos Estados Unidos e o tema vestibular ficou afastado da minha vida por mais um ano. Voltei no meio do terceiro colegial e a escolha se deu meio de sopetão, na hora de fazer a inscrição para o vestibular. Minhas chances de passar eram mínimas, mas o improvável aconteceu. E assim entrei no curso de psicologia.

Arrumei as malas e me mudei para São Paulo. No dia que eu cheguei para fazer minha inscrição, fiquei algumas horas presa na Marginal Tiete por conta de uma enchente que tinha fechado o metrô e o terminal rodoviário. São Paulo já vai logo avisando a fria em que você está se metendo.....

Mas tudo deu certo, fiz a minha inscrição e comprei um guarda-chuva que seria muito útil nos próximos anos.

Logo no começo do ano tomei um baita susto! No primeiro ano, tínhamos diferentes matérias, e entre elas, Antropologia e Anatomia. A primeira dizia que o homem era fruto das suas relações com a sociedade e seus semelhantes, e que se fosse abandonado ao nascer e acolhido por uma família de macaco, macaco viraria!

Já na segunda, o homem era fruto de seu DNA, portanto estava condenado a ser homem, pois sua carga genética não lhe daria outra opção.

Foi a primeira vez que duas verdades, ditas e defendidas por uma autoridade (o professor) se chocavam. Mas e a ciência? Quem estava certo? Só uma verdade deveria existir e alguém nessa história toda, deveria estar errado! Foi quando a professora de Antropologia me avisou que eu deveria me acostumar, pois o curso inteiro seria assim, diferentes verdades defendidas a qualquer custo.

Fiquei mais relaxada, mas apreensiva ao mesmo tempo, já que deveria rapidamente entrar para algum “time”. Algum tempo se passou, e conheci a Fenomenologia. O que eu mais gostei do curso foi o professor. Não lembro direito o que ele ensinava, é difícil remeter a sua letra. Eu queria habitar a sua postura. Sabe aquela famosa fala de Guimarães Rosa: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (2001, p.326)¹⁶, foi isso que eu aprendi com ele.

Era esta postura que eu queria habitar quando fosse uma psicóloga, era receber com carinho tudo aquilo que os outros estavam me dando. Lembrando dele, fiz um dos meus primeiros escritos:

Tive um professor que era generoso.

Sempre fazia convites com suas belas exposições.

Convites a não ficar apenas com que ele trazia,

Mas construir com aquilo.

Ele era generoso por que dava aos outros o que era dele.

Generoso por que para dar aos outros não cobrava fidelidade.

Além de dar aos outros, acolhia o que os outros davam a ele.

Sua maior generosidade era saber receber.

Finalizado o curso de fenomenologia, começamos um grupo de estudo. Durante anos, lemos o difícil e instigante “Poética do Espaço” de Gaston Bachelard. Acho que foi neste grupo que comecei a me apaixonar cada vez mais pela poesia e literatura.

¹⁶ Rosa, J. G. *Grandes Sertões: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Não comecei a ler cedo na minha vida, passei a adolescência sem ler nenhum livro por iniciativa própria. O amor foi tão grande que passei a fazer da leitura um hábito diário. E na literatura encontrava o material vivo para pensar a condição humana, bem mais do que nas apostilas e livros teóricos da faculdade. Desde aquela época, passei a grifar os trechos e frases mais interessantes dos livros que lia. Não tinha idéia porque estava marcando, mas tinha a plena certeza de que essas marcações me serviriam para alguma coisa. E serviram, foram esses trechos marcados que utilizei para esta dissertação. Posso dizer que comecei a escrevê-la logo no terceiro ano da faculdade.

A fenomenologia e a poesia contribuía para pensar a minha atuação profissional, mas não me davam a estabilidade de um “time”. Não tinha uma maneira certa, uma técnica a ser seguida, uma verdade a ser defendida e isso tudo era muito angustiante e revelador.

As outras vertentes da psicologia tinham a ambição de deter a verdade, no entanto, era fácil perceber que a deixavam escapar em algum momento. Tive mais de seis matérias que ensinavam a aplicação de testes, ou seja, dois anos aprendendo suas técnicas e especificidades.

Certa vez, acho que os alunos pareciam entediados com mais uma disciplina que duraria seis meses e ensinaria outros testes, a professora resolveu explicar o porquê de os estudarmos e sua importância, disse algo parecido com isto: *“Vocês tem que entender que a aplicação de testes é área exclusiva dos profissionais de psicologia, nenhum outro pode fazer isto.”*

Com todo esse arcabouço teórico ficava com a impressão de ter que encaixar “meus voluntários” (nesta época aplicávamos os testes em voluntários, geralmente alunos de um ou dois anos anteriores; eu também fui voluntária de muita gente) em algum daqueles resultados, mas sempre algumas arestas deveriam ser omitidas para o resultado ser perfeito. Estas eram culpa do entrevistador, que não soube aplicar o teste corretamente.

Depois de toda a parte teórica do curso, diversos estágios em lugares que nunca sonhei em trabalhar, chegou o quinto ano. Era o momento de começar a

atender na clínica, agora era pra valer! E junto com isso a angústia de não ter um caminho certo a percorrer. Como deveria ser a primeira entrevista?

Lembro do árduo trabalho que tive para transcrever ponto a ponto da entrevista inicial, na esperança de obter um parecer favorável ou pelo menos um modo de proceder no próximo encontro. Mas a transcrição literal não dava conta de contar o que tinha acontecido naquele encontro, faltava contar alguma coisa e sobravam palavras. O medo de me encontrar com aquela pessoa, que tinha o “cargo” de ser meu primeiro paciente, era grande. Mas o encontro foi se dando, semana a semana. Minha supervisora na época pode me acolher e me deixar um pouco mais tranqüila para continuar.

No final do ano me formei e decidi cursar filosofia na USP. Queria me aprofundar nos estudos da fenomenologia, mas queria também conhecer um pouco melhor a história do pensamento metafísico ocidental.

1.2) Trabalho numa escola infantil.

Tinha acabado de me formar quando tive a oportunidade de trabalhar em uma escola infantil que atendia crianças até cinco anos de idade. A dona da escola me contratou, pois era um pedido freqüente dos pais para que tivesse uma psicóloga na instituição, mas ela mesma não sabia muito bem qual seria minha ocupação lá dentro.

Era minha tarefa criar um espaço de trabalho lá dentro com funções que fossem úteis, afinal queria me manter no emprego. Pensei que o público desta escola fossem as crianças, seus pais e as professoras. Foi assim que criei minhas funções.

Para os pais passei a oferecer um espaço de escuta que tinha o pretensioso nome de “Plantão Psicológico”. Os pais poderiam marcar um horário comigo para conversar sobre alguma dúvida que estava os afligisse. Caso eu sentisse a necessidade de conversar com algum pai, a respeito de alguma criança, eu poderia chamá-los para alguma orientação ou encaminhamento.

Com as professoras, eu tinha reuniões semanais que se transformavam em conversas a respeito das crianças. Dúvidas, comentários, aflições - enfim um espaço no qual elas pudessem refletir sobre as atividades e o comportamento das crianças.

Para as crianças, pensei em algo que pudesse ser terapêutico, mas que não fosse terapia. Tinha feito um curso de contação de histórias que tinha gostado muito havia pouco tempo. Criei uma atividade com o nome de “Arte Terapia”. Meu contato com cada turminha era uma vez por semana, por um período de meia hora, no qual eu contava diversas histórias. Depois elas faziam algum trabalho artístico, com diferentes materiais: tinta, papel, argila, cola, etc.

Não tinha a menor intenção de ensinar nada para aquelas crianças, queria apenas estar junto delas, ajudando-as a entrar num mundo de sonhos a partir das histórias. Nossos encontros eram muito legais e todas as vezes que elas me viam perguntavam: “hoje você trouxe um livro especial?”. Virei a tia Sílvia do livro.

Certa vez uma professora foi pegar um livro que eu usava nas minhas atividades e uma criança falou para ela: “não pode, este livro é da Sílvia.” O livro não era meu, era da escola, mas, ao mesmo tempo, o livro para aquela criança era nosso. Éramos nós que trazíamos vida para o livro, o transformávamos em uma história. Longe da nossa relação (eu, livro e as crianças) talvez aquele livro virasse um amontoado de papel sem sentido.

Depois de um tempo as crianças começaram a me imitar, contar histórias sozinhas e dar sentido para o livro por si só. Os pais me contavam que as crianças me imitavam em casa. Ainda hoje pensando o porquê da escolha desta atividade, só tenho uma resposta satisfatória, a minha paixão por livros e histórias, e uma vontade que aquelas crianças comessem a ler com paixão um pouco mais cedo do que eu.

Trabalhei nesta escola por cinco anos e muitas coisas interessantes aconteceram. O espaço da escola é, na maioria das vezes, tido como um espaço de saúde. As crianças que lá chegam estão tendo um desenvolvimento saudável e apresentam poucos problemas. Bem diferente das crianças que procuram nossos consultórios.

Vale a pena pensar que antes de procurar um consultório a criança passou por uma escola que, junto com os pais “*não deu conta do recado*”, e por algum motivo foi encaminhada para o psicólogo.

Gostava do meu trabalho e achava importante, pois queria proporcionar um ambiente saudável onde a criança pudesse se desenvolver da melhor maneira possível, sem a necessidade de ir parar nos consultórios de psicologia, ou, caso precisasse, fosse encaminhada o quanto antes. Nosso olhar de psicólogo está atento para perceber quando algo começa a ir mal. Muitas vezes os pais só procuram ajuda quando o problema já é bem grave.

1.3) Consultório e acompanhamento terapêutico.

Minha carga horária na escola era de apenas 20 horas semanais. Como eu queria trabalhar como psicóloga clínica, aluguei uma sala por alguns horários e “abri” meu consultório.

Surgiu também a oportunidade de trabalhar como acompanhante terapêutica. As pessoas do curso que eu havia feito no quinto ano tinham montado um grupo de acompanhantes terapêuticos e me convidaram para participar.

No início, tinha poucos pacientes nas duas “modalidades”, que apesar de parecerem muito diferentes, se encontram em um lugar comum. Uma estava “protegida” dentro do consultório e seu “setting”, outra lançada no meio da cidade e seu “setting” um pouco maior.

De qualquer forma era preciso me encontrar com os pacientes, compreender e falar seus diferentes idiomas. E a cada encontro viver na carne algo que Safra¹⁷ escreveu de forma muito clara:

Pacientes de diferentes idades desvelam, frente a seu analista, um conhecimento a respeito de si que parece brotar da angústia mesma. Ela, a angústia, revela as dimensões do sofrimento e da fragilidade humana. Não é um conhecimento que vem de uma aprendizagem ou pedagogia, mas sim do próprio fato de o ser humano ser lançado em meio à existência na busca

¹⁷ SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias&Letras.(2004)

das condições que possibilitem seu alojamento, mesmo que precário, no mundo com os outros. (2004, p.24)

Para compreender uma pessoa é preciso, cada vez, encontrar-se de novo com ela. Às vezes perder-se, às vezes se encontrar. E isto, independente do setting, precisa dar-se numa relação paciente-terapeuta.

Os poemas e as teorias deveriam ser utilizadas como possíveis vértices. Mas a compreensão se dava ali, na lida.

1.4)E a filosofia?

Juntamente com minhas experiências profissionais, continuei cursando filosofia. E se aqui parece um caminho paralelo em minha vida, a impressão condiz com o real. Durante muito tempo a filosofia ficou paralela. Se meu objetivo era aprender sobre fenomenologia, posso dizer que aprendi muito mais sobre a metafísica ocidental em que tanto a fenomenologia se inspirou para criticar.

Olhar para a história da filosofia ajudou a compreender como a psicologia se constituiu enquanto ciência. Li “Meditações” e “Discurso do Método” de Descartes no primeiro ano. E assim, o “sujeito cartesiano” me foi apresentado logo de cara.

O curso de filosofia da USP é livre e aberto, não existe uma grade a ser seguida e os filósofos estudados mudam a cada semestre. O departamento garante apenas três coisas. A primeira é que Descartes seja estudado no primeiro ano. A segunda é que Kant seja visto em algum momento do curso. A terceira é ensinar a leitura estrutural de um texto. Aprendendo a ler desta maneira, você sai apto a ler qualquer outro filósofo.

Garantir a leitura de dois filósofos modernos e acreditar que aprendendo a ler alguns textos da “maneira correta” pode-se ler qualquer outro, são aspectos que já dizem bastante das vertentes do curso.

O curso foi prosseguindo e, esbarrando, de vez em quando, na psicologia. Na disciplina de lógica muita coisa ficou clara a respeito de alguns pressupostos tidos como necessários em nosso pensamento.

Lá aprendi que as tautologias, sentenças do tipo “brincar é brincar”, são sentenças necessariamente verdadeiras, mas que, para lógica, não dizem nada.

Sentenças que dizem do é da coisa são vazias para o nosso pensamento com tanta sede de conteúdo e representação.

Nesta mesma disciplina aprendi que as sentenças contraditórias (A é não A), são necessariamente falsas. Para que elas pudessem ocorrer o mundo teria que ser outro, diferente do nosso. Aceitar o paradoxo é mudar de mundo, virar ET. Uma compreensão começou a se desvelar quando me deparei com esta frase de Heidegger¹⁸: “A lógica apenas existe no interior da metafísica.” (2002, p.357)

Logo após cursar lógica me matriculei em “Estética III”. A proposta era clara:

Nesse curso pretende-se abordar o pensamento estético de Heidegger, a partir do ensaio A origem da obra de arte (1935-36) e dos textos dedicados à linguagem e à poesia. Heidegger pensa a verdade da arte desde sua origem e o sentido do Ser, segundo o método fenomenológico-hermenêutico. Na arte e na poesia ocorre um produzir e um modo de pensar que cultiva o Ser, em oposição à estética moderna, à concepção de arte como mera vivência cultural subjetiva e à técnica (“armação” [Gestell]) como cálculo científico. ¹⁹

Heidegger deve ter tremido no túmulo ao saber que “Estética III” foi o nome da disciplina que introduziu alguns alunos a leitura de textos como “A origem da obra de arte” e “....poeticamente o homem habita....”.

Mas o curso foi muito interessante, pude entrar em contato com seu pensamento mais profundamente. O filósofo não pergunta apenas pelos entes, mas pergunta pelo ser. É por conta disso que ele não reserva para o âmbito da lógica, mas para o dizer poético a função da revelação da verdade.

Neste momento a filosofia e a psicologia começam a tomar rumos parecidos para em algum lugar se encontrarem em minha vida. A postura poética e a postura terapêutica tinham uma raiz comum. Refletir o que é o Ser, a Verdade, a Poesia e mais a Condição Humana....

Lanço-me assim a escrever esta dissertação.

¹⁸ Heidegger, M. “Para quê poetas?”, tradução de Bernhard Sylla e Vitor Moura. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

¹⁹ Proposta de curso entregue aos alunos.

CAPÍTULO 2: A QUESTÃO DO SER.

2.1)O ser, o nada e o ente.

Mas a palavra mais importante da língua tem uma única letra: é. É.
(LISPECTOR, 1973, p.30)²⁰

Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa.
(ibid,p.8)

Esses trechos sugerem o que quero tratar nesse capítulo. Sugerem e, por isto mesmo, não esgotam a questão. Clarice jamais esgotaria a questão do ser, nem ela, nem ninguém. Não esgota, mas se aproxima e toca a questão.

A escritora diz que: “a palavra mais importante da língua tem uma única letra: é”. Palavra importante, uma vez que as coisas são: a pedra é, a árvore é, o cachorro é e o homem também é. Enfim, como dizem os filósofos; o ente é.

Na outra passagem, Clarice diz querer se apossar do é da coisa. Ela só deseja isto porque está atenta para algo que é primordial ao é da coisa, sabe que o é é fugidio, ou dizendo de outro modo, que o é é por um instante de tempo:

Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. (ibid, p.16)

O instante pirilampo que acende e apaga, a roda do automóvel tocando no chão mostram a coisa acontecendo. Mostram também que a coisa só é naquele instante porque no momento anterior e no posterior ocorre dela não ser. Algo só se acende porque no momento anterior e posterior esteve apagado, o pneu só toca o chão porque antes não tocou e depois não tocará.

Mas como fica então a sentença: o ente é? Podemos dizer que o ente é num instante e não é no seguinte? Dizer isto nos leva a uma contradição (A e não A) e nosso pensamento não aceita tal sentença. Mas não temos como discordar de Clarice, ela nos diz algo que compreendemos ser verdadeiro. O ente que é num instante para não ser no instante seguinte não nos diz apenas do ente que é, diz do

²⁰ Lispector, C. *Água Viva*. São Paulo: Artenova, 1973.

não ente também. Seus versos são completos, pois nos dizem do ente, do nada e do ser.

Mas a filosofia quer aceitar só uma parte desta história, quer ficar apenas com o ente que é, dispensando o nada e o ser. Quer, de certo modo, que o instante fique eternamente aceso, tolhendo sua finitude. Instantes eternamente acesos, acabam por serem instantes apagados.

Clarice não tolhe a questão, contempla-a completa e finita. Mostrou-nos que ao falarmos do ente que é em alguma parte tocamos o ser e o nada. O ente deve sua entificação a ambos. É por isso que inicio essa dissertação perguntando a respeito da questão do ser, para contemplar o instante pirilampo da escritora, que nos diz de todas as coisas que são, que abrange o ente, o nada e o ser.

Podemos então dizer que o ser é? Ou que o nada é? Questões de suma importância da filosofia, porém deixadas à margem. Se dissermos que o ser é, ele não é mais ser, vira um ente. Ou ainda, pensar num nada que é, entifica o nada. Ambos não podem ser tratados como entes.

Qual é a relação entre ente, ser e nada? O que quero contemplar quando escrevo um capítulo sobre a questão do ser? Por que o capítulo não chama a questão do nada? Ou ainda a questão dos entes?

O fato de começar falando a respeito da questão do ser, não deixa de lado a questão dos entes e do nada, é apenas um modo de começar a questão que, segundo Heidegger²¹, no fim é a mesma: “O nada é o não do ente e, deste modo, o ser experimentado a partir do ente.” (2008, p.134)

Partindo da questão do ser tenho que contemplar a questão do nada e dos entes, como disse acima, quero versos completos.

Heidegger²² diz que ser é o conceito *mais* universal e também o mais vazio. A questão do ser resiste a toda tentativa de definição: “De fato, o “ser” não pode ser concebido como ente; o “ser” não pode ser determinado, acrescentado-lhe um ente” (2002, p.29)

²¹ Heidegger, M. *Sobre a essência do fundamento*, tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein, Marcas do Caminho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

²² Heidegger, M. *Ser e tempo*, tradução de Marcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

Querer a definição do ser acena para um modo de pensar, mostra o quanto estamos habituados a só aceitar como possível aquele pensamento que diz o que as coisas são, que define e responde a tudo.

Com essa fome de definição e representação, ao longo do desenvolvimento da filosofia como metafísica, a questão do ser ficou esquecida, porque o ser passou a ser visto sob a perspectiva do ente que é, o ser ficou entificado.

O que possibilita, no entanto, que os entes possam ser concebidos? Por que podemos dizer que um ente é? Heidegger (2008)²³ afirma que só podemos conceber o ente (conhecimento ôntico) porque antes nos movemos na compreensão de ser (compreensão ontológica). A experiência do ser antecede a experiência concreta do ente, logo o desvelamento do ente tem como origem o desvelamento do ser.

Responder o que é o ser, nega o ser. Então o que fazer com a questão? Se por um lado não podemos dizer que o ser é, não estando em condições de apreender o ser, por outro lado o compreendemos. Nosso conhecimento dos entes (ôntico) se move numa pré-concepção do ser (ontológico).

Heidegger aponta para a necessidade anterior a qualquer tipo de resposta. Devemos, primeiramente, perguntar sobre o sentido do ser. Iniciei o capítulo dizendo que Clarice esbarra na questão do ser, apesar de não esgotá-la. Ela a toca e compreendemos o que ela diz. Não conseguimos definir a questão do ser, mas nos movemos numa certa compreensão da questão. Se não podemos responder a questão, devemos ao menos colocá-la. Com isso estamos assumindo que a compreensão do ser tem um caráter de projeto, de um questionar do homem junto às coisas.

É uma condição humana perguntar sobre o sentido da questão do ser. Somos o ente privilegiado que pode fazer essa pergunta. O projeto de Heidegger, em *Ser e Tempo*, é este: o homem é o ente privilegiado que coloca a questão do ser, portanto é preciso analisar nosso modo de ser para contemplar tal questão.

Heidegger chama o projeto de ontologia fundamental, uma vez que o autor analisa as condições de possibilidades de ser (existenciais) do único ente que

²³ Heidegger, M. *Introdução à filosofia*, tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

compreende e se relaciona com seu próprio ser, alcançando o ponto de partida para toda e qualquer compreensão de ser²⁴ (JARDIM, 2009).

Estas considerações heideggerianas, sobre o homem com aquele ente que pergunta pelo ser, mas que tem o seu cotidiano afinado e permeado pelos entes, são de grande importância para a nossa prática clínica. O terapeuta deve estar atento em que registro a fala do paciente está; se no registro ôntico ou ontológico. E aqui desenvolvo o primeiro tema fundamental para nossa prática clínica assentada na postura poética.

2.2) Registro ôntico X Registro ontológico

Como disse acima, a experiência do ser (ontológica) antecede a experiência concreta do ente (ôntica). Como isto ressoa em nossa prática clínica? Os fenômenos ônticos falam de uma biografia, de um acontecimento no espaço e no tempo. Já o ontológico, é pré-existente e fundante, contendo as estruturas do homem desde sempre.

Só posso compreender um fenômeno que aconteceu na minha biografia, pois já me movo numa pré-compreensão que me é fundante, pelo fato de eu ser humana. Assim, na maior parte do tempo, nos movemos na compreensão ôntica, mas, de vez em quando, somos atravessadas por compreensões ontológicas²⁵.

Certa vez, um paciente chegou à sessão com a seguinte questão:

Dá para alguém estar feliz e triste ao mesmo tempo? - perguntou Gustavo com ares de felicidade.

²⁴ Neste trabalho, não vou fazer uma análise exaustiva do trajeto percorrido por Heidegger nesta obra tão importante que foi *Ser e tempo*, vou dá-la como pressuposta em muitos aspectos. Meu foco maior será a chamada segunda fase heideggeriana, na qual ele não se questiona mais pelas condições de possibilidade de compreensão de ser e passa a perguntar pelo ser ele mesmo. É válido ressaltar que não existe uma ruptura nestes dois momentos da obra do filósofo, ele mesmo sempre resalta que não tinha uma obra, mas caminhos, assim o segundo período só é possível de ser pensado, tendo passado pelo primeiro.

²⁵ No quarto capítulo, irei abordar os modos de ser característicos da nossa era. E lá ficará claro que, a maioria das pessoas vive assentada na experiência ôntica e são atravessadas por experiências ontológicas. Existem, porém as que vivem no atravessamento do ontológico a maior parte do tempo. Outras vivem num tamanho achatamento cotidiano na qual o ontológico já não ressoa mais.

Ele parecia ter descoberto algo muito importante. Se tomássemos a fala de Gustavo no registro ôntico, diríamos que ele estava confuso e atrapalhado. O registro ôntico refere-se aos fatos da existência humana, e neste caso poderíamos dizer que Gustavo estava triste, pois tinha acabado de terminar um namoro que ele gostaria que tivesse dado certo. Fazer esta análise, ou dizer que Gustavo estava confuso com o fato, seria não levar em consideração o registro da fala dele.

Foi preciso caminhar um pouco mais com ele, para compreender o porquê dele parecer feliz. Gustavo teve duas namoradas na vida, esta era a segunda. Após o término de seu primeiro namoro que durou 10 anos, ficou triste e se dizia incapaz de conseguir uma outra mulher. Sentia-se feio, doente e desinteressante. Saiu com diversas garotas e todas sempre lhe davam 'um fora'. Até que conheceu Jéssica e ela se apaixonou perdidamente por ele.

Desde o começo do namoro ele nunca se envolveu muito com ela, mas achava que poderia ser feliz ao lado dela e que tinha dado sorte por encontrar finalmente uma mulher que o amasse. O tempo passou e Gustavo não se apaixonou por ela, e foi ficando triste e entediado. Um dia decidiu terminar o namoro e foi na sessão seguinte que ele chegou com a fala acima.

Gustavo estava triste, gostaria que o namoro tivesse dado certo, mas estava feliz, pois era a primeira vez que entrava em contato com o fato que ele poderia escolher uma mulher, que não era qualquer mulher que ele queria, mas uma que o encantasse.

Gustavo estava feliz, pois entrava em contato com uma dimensão fundamental da vida humana: liberdade de escolha. Ele sempre viveu a dimensão amorosa como incapaz de fazer uma escolha, ele achava que só pelo fato de uma mulher admirá-lo ele já deveria "dar-se por satisfeito" e ficar com essa pessoa.

Gustavo começa a fazer planos e a sonhar com um relacionamento que o fizesse feliz, começa a se sentir capaz de despertar interesse em alguém, mas conta que agora também queria se encantar pela pessoa.

O registro da fala de Gustavo era o registro ontológico, que diz respeito às estruturas a priori que definem as possibilidades realizadas em cada existência

humana. Ele percebeu, naquele instante, que a vida em todas as suas dimensões, inclusive na amorosa, tem que fazer sentido.

Muitas vezes nossas escolhas se pautam pelas praticidades cotidianas. Acompanhamos inúmeras vezes, casamentos que se dão por diversos outros motivos, que não o amor e a afinidade, e as pessoas continuam casadas por não terem motivos nenhum para terminar. Tristes e infelizes, acabam adoecendo.

Para Safra (2006)²⁶, à medida que o tempo passa, a vida cobra implacavelmente do ser humano a formulação de um sentido. Como o ente que ontologicamente pergunta pelo ser, tem como estrutura fundamental a possibilidade de sentido e compreensão.

A clínica contemporânea muitas vezes ignora o registro ontológico, a própria filosofia, desenvolvida enquanto metafísica, fica apenas no registro ôntico e se esquece que o homem é aquele ente que, além de ser afetado e permeado por outros entes, pergunta pelo sentido do ser.

Assim, a serviço da questão da verdade do ser torna-se necessário uma questão sobre a essência do homem. Já que o homem é o ente que pergunta pelo ser. Pensar a questão do ser e assim a essência do homem são as questões fundamentais da filosofia.

Heidegger²⁷ nos convoca a pensar do que se trata filosofar. Usa de uma sentença tautológica para exprimir sua definição: “Filosofar é filosofar e nada além disso. Trata-se de compreender esse algo deveras simples”. (2008, p.11)

Num instante esta sentença pode parecer não dizer nada, mas olhando mais atentamente percebemos que filosofar é um verbo e por isso um modo de comportamento. Mas um modo de comportamento de quem? É um modo de comportamento humano, portanto, animal não pode filosofar e Deus não precisa filosofar. O que é a filosofia remete à questão do que é o homem.

²⁶Safra, G. *A Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

²⁷ Heidegger, M. *Introdução à filosofia*, tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

A partir da questão do ser, chegamos à questão da condição humana, uma vez que é o homem o ente que pergunta pelo ser. Filosofar é um comportamento humano. Mas quais são os homens que filosofam? Gustavo, ao me fazer aquele questionamento, estava filosofando? Sim.

Os homens que filosofam são todos os homens. Mesmo que não saibamos nada sobre a filosofia, já estamos na filosofia “porque a filosofia está em nós e nos pertence; e, em verdade, no sentido que já sempre filosofamos” (ibid, p.3).

Pensar a filosofia é necessário “porquanto existimos como homens” (ibid, p.3). Então pensar filosoficamente não está apenas disponível para os homens mais intelectualizados? Disponível apenas nas Academias?

Qual é a noção de homem que Heidegger tem em vista quando diz que é um ente privilegiado para a pergunta sobre o sentido do ser e que, portanto filosofa? Assim passemos para nosso próximo tema, que também traz profundas implicações para a nossa prática clínica.

2.3)A condição humana como abertura.

Mas que coisa é homem,
que há sob o nome:
uma geografia?

um ser metafísico?
uma fábula sem
signo que a desmonte?

Como pode o homem
sentir-se a si mesmo,
quando o mundo some?
(DRUMMOND,2008,p.295)²⁸

Talvez cause um certo espanto a maneira como Drummond termina seu poema sobre a “definição” do homem: “como pode o homem sentir-se a si mesmo quando o mundo some?”. Espanto, pois Drummond insinua que o homem não consiga sentir a si quando o mundo some. Por que o homem não conseguiria sentir a si sem o mundo? Sentir-se e conhecer-se dependem do mundo?

²⁸ Drummond de Andrade, C. “Especulações em torno da palavra homem”, *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2008.

“NÃO SEI O QUE é conhecer-me. Não vejo para dentro.

Não acredito que eu exista por detrás de mim.”(PESSOA, 2005, p.147)²⁹

Fernando Pessoa parece completar o que Drummond estava dizendo ao afirmar que: “NÃO SEI O QUE é conhecer-me. Não vejo para dentro”. Ambos vão na contramão do que estamos acostumamos a pensar de um auto conhecimento, de um homem que conhece a si.

Quando pensamos o homem sentindo a si mesmo, imaginamo-lo “olhando para dentro”. Mas os poetas nos dizem outra coisa. Por que existe essa divergência? De onde vem essa noção que parece ser tão natural de um homem que conhece a si mesmo dispensando o mundo?

Para Heidegger (2008)³⁰ esta noção de um homem que está essencialmente separado de seu mundo (que só olha para dentro) é um erro fundamental do desenvolvimento da noção de sujeito de Descartes³¹.

O filósofo moderno queria um princípio que assegurasse o conhecimento certo e indubitável. Afirmava, que tudo o que tinha conhecido até então, podia não passar de quimera, uma vez que os princípios não estavam sólidos. Via a dúvida metódica, passa a descrer de tudo ao seu redor, nada mais poderia ser afirmado.

Mas Descartes (1973) foi mais longe, não queria parar no ponto em que nada era possível de ser pensado e conhecido. Utilizou-se de Arquimedes (que afirmou precisar de apenas um ponto fixo para levantar a terra) e fazendo uma analogia disse que também precisava de uma única coisa certa e indubitável para construir todo o conhecimento sob base sólida.

Seu ponto fixo vai ser o sujeito que duvida. Pois, por mais que ele seja enganado, uma coisa é certa, ele é um sujeito que é enganado:

Ora, sei já certamente que eu sou, e que, ao mesmo tempo, pode ocorrer que todas essas imagens e, em geral, todas as coisas que se

²⁹ Pessoa, F. “Poemas Inconjuntos”, *Poesia Completa de Alberto Caiero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

³⁰ Heidegger, M. *Introdução à filosofia*, tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

³¹ Descartes, R. “Meditações”, tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, coleção “Os pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

relacionam à natureza do corpo sejam apenas sonhos e quimeras. (ibid, p.102)

A certeza de todas as coisas passa a ser o sujeito que duvida e que portanto que pensa:

Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente. (ibid, p.103)

É fácil perceber como Descartes, para ter certeza de alguma coisa, tira o homem do mundo. O sujeito não tem certeza das imagens e coisas relacionadas ao corpo e ao mundo, mas tem a certeza de que é ele mesmo. Assim, passa a ser algo fechado em si, vivo no interior de uma cápsula que tem o mundo como algo estranho e separado. De um lado o sujeito (homem) e de outro os objetos (mundo). O homem só conhece porque existe. A partir deste ponto fixo, Descartes diz ser possível o conhecimento verdadeiro.

É tão forte a idéia de um homem/sujeito que não ficou apenas no domínio da filosofia, mas se expandiu para as diversas ciências ônticas (psicologia principalmente) e chegou até ao senso comum.

Heidegger sabe que esta noção homem/sujeito é tida como absoluta em nossos tempos. Por isso, para falar do homem, vai usar o termo alemão *dasein* (sua tradução melhor para o português é *ser-aí*). Ao usar um novo termo, o filósofo quer se livrar do conceito de sujeito. O *aí* do *ser-aí* é um modo de sinalizar a volta do homem ao mundo. O homem como aquele ente que é junto aos outros entes. Concordo com a postura heideggeriana e nesta dissertação é com esse modo de olhar o homem que vou trabalhar.

Não vou, porém, usar o termo *dasein* nem sua tradução (*ser-aí*), vou simplesmente usar o termo homem. Sou uma apaixonada pelas palavras e ficaria infeliz em usar o termo *ser-aí* que é truncado e artificial. Bachelard (2000)³² tem razão quando diz que a filosofia contemporânea cria uma sintaxe artificial que solda advérbios e verbos na tentativa de unir palavras, mas quando estas são estranhas umas a outras acabam não se unindo, mas se desligando intimamente.

³² Bachelard, G. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

De posse novamente com o termo homem, mas livre da conceituação de sujeito, quero pensar o que significa dizer que a intimidade do homem está na sua abertura frente ao mundo?

“Um mundo fantástico me rodeia e me é” (LISPECTOR, 1973, p.79)³³

Clarice conta que o fantástico mundo que a rodeia é ela, assim como Drummond sugeriu que o homem não sente a si quando o mundo some e Fernando Pessoa disse que não existe “por detrás de mim”. O homem só pode ser ele mesmo, só pode se conhecer, estando junto aos outros entes do mundo. É neste estar junto aos outros entes que ele é íntimo dele mesmo. O homem é o ente que é saindo de si. Por ser este ente aberto ao mundo, Heidegger (2008)³⁴ vai dizer que o homem é o único ente que existe. O animal e as plantas não existem, apenas vivem e as coisas materiais subsitem por si.

Sua intimidade reside na sua abertura frente ao mundo e não num encapsulamento em si mesmo. O homem ultrapassa a si em direção aos outros. A condição humana é transcendente, sendo assim todos os seus comportamentos estão enraizados na transcendência:

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2001, p.80)³⁵

Guimarães fala que no meio da travessia é que o real aparece, o real não é parado nem estático, nos é desvelado no meio de nossas andanças. Nossa condição humana é essa que acontece enquanto seres errantes que se lançam no mundo, para isto é necessário fazer escolhas, construir um caminho próprio a partir das próprias andanças.

Para caminhar precisamos das nossas pernas, ninguém pode fazê-lo por nós. Por conta dessa obrigação de construir um caminho, que não está dado e nem está percorrido, Heidegger³⁶ fala que o homem é originariamente **livre**:

³³ Lispector, C. *Água Viva*. São Paulo: Artenova, 1973.

³⁴ Heidegger, M. *Introdução à filosofia*, tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

³⁵ Rosa, J. G. *Grandes Sertões: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

³⁶ Heidegger, M. *Sobre a essência do fundamento*, tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein, Marcas do Caminho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Aqui, porém, a liberdade se desvela ao mesmo tempo como a possibilitação de compromisso e obrigação em geral. Somente a liberdade pode deixar imperar e acontecer um mundo como mundo. Mundo já mais é, mas acontece como mundo. (2008, p. 176)

Heidegger e Guimarães entenderam que nós precisamos seguir nossos caminhos e veredas, que o mundo não é algo pronto e parado, mas que acontece enquanto andamos, e que nessas andanças o mundo acontece como mundo.

Andar é uma obrigação para nós humanos, e só podemos em algum momento ficar parados porque antes somos obrigados a caminhar. O homem é obrigatoriamente livre, ele não tem liberdade, mas é ela que antes o tem:

“Estou dando a você a liberdade. Antes rompo o saco de água. Depois corto o cordão umbilical. E você está vivo por conta própria.”

“quando nasço fico livre. Está é a base de minha tragédia.” (LISPECTOR, *ibid*, p.39)

Clarice nos diz que somos livres a partir do momento em que nascemos, na bonita imagem poética, ela dá a liberdade quando corta o cordão umbilical. A escritora sabe que essa é a base da nossa tragédia, uma vez que temos que construir um mundo, lidar com nossa própria vida e ninguém pode fazer isso por nós. Abertos necessariamente à experiência da dor, do sofrimento, mas também da beleza.

Lançar-se, construir um mundo, transcender ou ultrapassar são todos sinônimos para a condição humana no mundo, uma intimidade que está justamente na abertura frente ao mundo. Heidegger diz que filosofar é transcender, é perguntar pelo sentido do ser, por isso que mais acima, disse que todos os homens filosofam. Todos esses verbos que acenam para a condição humana nos dizem algo a respeito do caráter temporal do homem. Trago aqui uma imagem poética para mergulharmos na temática: “o futuro é para frente e para trás e para os lados. O futuro é o que sempre existiu e sempre existirá.” (LISPECTOR, *ibid*,p.42)

Clarice nos convida a pensar no tempo. Diz de um futuro que se esparrama para todos os lados. Quando passamos da noção de sujeito como um ente encapsulado em si mesmo para a noção da condição humana como um ente que é aberto frente ao mundo, ocorre essa mudança na concepção do tempo humano. Na

primeira noção, o sujeito é causado pela única coisa a que tem acesso, sua história e seu corpo. Já na segunda o homem se encontra lançado no mundo.

Na concepção de homem como um sujeito, nossas atitudes estão fincadas numa “matéria” orgânica ou numa “matéria” histórica. O sujeito tem poucas responsabilidades sobre suas ações e elas estão colocadas em algum lugar (genético ou histórico), sendo assim um ente velho e determinado.

A partir do momento que a condição humana é na abertura, os atos humanos passam a ser feitos visando algo que não está presente, visando assim a um projeto. Somos responsáveis pelos nossos passos. Clarice havia alertado que a liberdade é a base da tragédia humana, pois nos responsabiliza por nosso caminhar. O mundo passa a ter um caráter essencialmente vacilante.

Quando pensamos a condição humana na abertura, o que rege nossas atitudes é o lançar-se, o projetar-se, portanto, o tempo tem um caráter fundamental de futuro. Acho que esta mudança traz grandes conseqüências para a psicoterapia, uma vez que passamos a compreender que nossos pacientes além de repetir conosco algo de sua história, podem estar buscando algo novo com essa repetição.

A partir destas considerações é possível que o leitor tenha ficado com a impressão de que o homem é um ser que não tem nenhuma vinculação com seu passado, sua comunidade e seu corpo. Um homem sem desejo e sem história?

É preciso estar atento para o paradoxo escrito por Clarice, ela diz de um futuro que é para frente e para trás. Somos sim projeto e a cada passo nos lançamos no mundo, mas ao nascer já pertencemos a um mundo que estava ali, antes de nossa chegada.

A comunidade em que nascemos e suas tradições já nos marcam em nosso primeiro choro. É diferente um bebê nascer no calor do Brasil ou no frio do Alasca. Do mesmo modo que pessoas da mesma família carregam traços peculiares, apesar de serem diferentes uns dos outros.

Assim, quando um bebê nasce em determinada família, vai herdar traços e costumes, mas dizer que será completamente determinado por eles é um erro. Ao nascer o bebê anuncia o inédito de uma história. Inédito este que carrega a tradição.

E como disse Winnicott³⁷: “em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição.” (2004, p.138)

O homem se lança no mundo a partir de seu nascimento, mas o faz numa comunidade, numa tradição. A condição humana, como havia dito, é transcendência. Pelo fato do mundo ter um caráter essencialmente vacilante, Heidegger³⁸ (2008) compara a vida a um jogo³⁹ ou brincadeira. Winnicott se aproxima muito do filósofo ao pensar o brincar como lugar essencialmente do humano, e assim chegamos a mais um tema fundamental para pensarmos a clínica assentada na postura poética.

2.4) O brincar.

Heidegger afirma que o homem habita o aberto do mundo mas o faz em comunidade. Caminhando na mesma direção, Winnicott (2004)⁴⁰ afirma que é preciso, para a psicanálise, pensar uma terceira área (entre a realidade interna e a realidade externa) para compreender profundamente as questões humanas⁴¹.

O psicanalista afirma que as chamadas terapias de comportamento abordam superficialmente a vida dos seres humanos, uma vez que pensam tudo em termos de comportamento. Ignoram, assim, a “realidade interna”.

³⁷Winnicott, D. “A localização da experiência cultural”, *Brincar e Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

³⁸ Heidegger, M. *Introdução à filosofia*, tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

³⁹ Na verdade o filósofo usa a palavra “spiel” que possui um campo semântico muito mais amplo do que o campo semântico do termo “jogo” em português. Os alemães usam esta palavra tanto para designar o que denominamos jogo, quanto o que compreendemos simplesmente por brincadeira.

⁴⁰ Winnicott, D. “O lugar em que vivemos”, *Brincar e Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

⁴¹ Talvez o leitor perceba um ‘sotaque metafísico’ neste trecho em que me aproximo de Winnicott. Estou usando as palavras que ele usou em seus textos. Mais acima havia dito que Winnicott poderia ser compreendido a partir do vértice da condição humana. No entanto, muitas vezes ele é lido por um viés histórico, que o coloca como sucessor de Freud, como se apenas continuasse o que Freud falou. São modos de leitura possíveis, uma vez que sua linguagem ainda é meta psicológica. Preferi ficar presa a seu vocabulário como uma forma de respeito a seu pensamento, mas apontando que, apesar da linguagem, Winnicott começa a romper com o mundo interno do sujeito da psicanálise e colocar a vivência humana numa ‘terceira área’ ou como diria Heidegger no aberto.

A psicanálise, por outro lado, dá enorme ênfase a vida interna ignorando a realidade externa. Entretanto, não vivemos nem somente de realidade externa, nem de realidade interna. Na maior parte das vezes estamos numa área entre ambas.

Winnicott chama esta área de espaço potencial. Este seria o lugar do brincar durante a infância, e, mais tarde, o lugar das experiências culturais. Sua importância e precariedade estariam no inter-jogo entre a 'realidade psíquica pessoal' e a experiência de controle de objetos reais. É neste lugar que passamos maior parte de nosso tempo e que o gesto poético é possível⁴². Ou, como diria Heidegger (2008), o homem habita no aberto do mundo.

É no brincar que a criança e o adulto usufruem ao máximo sua capacidade de criação, assim só é possível o brincar partir de um estado de relaxamento e confiança, uma vez que é um gesto espontâneo em direção ao mundo.

No brincar, a criança manipula "fenômenos externos" a serviço do sonho, vestindo-os de significados. Nas experiências chamadas culturais o adulto faz o mesmo. Isto não significa que o segundo seja mais evoluído, uma vez que continuam com suas características intactas: manipular os chamados "fenômenos externos" a serviço dos sonhos.

A partir do brincar vinculamos passado, presente e futuro. Uma vez que quando nascemos o mundo já está presente e uma "realidade externa" já se apresenta, não apenas a reproduzimos mas, a partir do brincar, a vinculamos aos nossos sonhos. É por isso que Winnicott afirma que só é possível ser original com base na tradição.

Assim, brincar é fundamental em qualquer idade. A brincadeira coloca o adulto e a criança em devir, legitima seu gesto e sua postura frente ao mundo como criadora de seu próprio mundo, com base numa comunidade que é anterior a ela.

Parece que o brincar, como gesto puramente espontâneo em direção ao mundo, está perdendo cada vez mais espaço na nossa sociedade em que tempo é

⁴² Uma pessoa que vive a maior parte do tempo na chamada realidade externa, comporta-se como máquina. Seus gestos não têm vinculação com nenhum sonho. Por outro lado uma pessoa que vive a maior parte do tempo na chamada realidade interna alucina, seus gestos tem pouca comunicação com os outros.

dinheiro. Se choca falar que o brincar deve nos acompanhar a vida inteira, daqui a pouco vai nos chocar também falar que o brincar deva fazer parte pelo menos da infância.

Certa vez passei por um outdoor que fazia propaganda de uma escola de inglês. Tinha a foto de uma criança de uns cinco anos com um cavanhaque. Embaixo tinha a seguinte frase:

SEU FILHO CHEGA LÁ ANTES.

Por incrível que pareça esta era a propaganda para as mães colocarem (e não tirem) seus filhos bem cedo na escola de inglês. É muito triste saber que na nossa cultura não existe lugar para o brincar espontâneo que parte necessariamente de um relaxamento e não de uma instrução.

A educação, tida como correta, trata a brincadeira como supérflua⁴³, as crianças precisam ser “instruídas”. Cuidar bem dos filhos virou estimulá-los ao máximo com aulas de inglês, natação, ballet, música e etc. É trazê-los para o “mundo adulto” e “real” o quanto antes.

Mais triste ainda é perceber que algumas de nossas crianças já não estão mais conseguindo brincar.

Certa vez tive a oportunidade de ficar 15 dias como professora de uma das turminhas. A professora oficial tinha quebrado o braço e tive que substituí-la. Mergulhei no cotidiano daquelas crianças e foi muito interessante.

No final de cada dia tínhamos meia hora de brincadeira livre até chegar a hora de ir embora. As crianças sempre pediam para brincar com uns blocos que tinham “tijolinhos”, “telhadinhos”, “portinhas”, “arvorezinhas”, enfim tudo o necessário para a construção de casinhas, fazendinhas e etc. Eu distribuía os bloquinhos entre as crianças e assim elas poderiam brincar. Caso quisessem o bloquinho de outra criança, elas poderiam trocar.

⁴³ Muitas vezes escutei na escola de mães que nos visitavam: “Mas vocês tem algum projeto pedagógico sério ou as crianças ficam apenas brincando?”. Percebi que ao longo do tempo era um pedido dos pais que o tempo livre fosse diminuído e em seu lugar fosse colocada alguma atividade “pedagógica”.

Algumas crianças brincavam livremente, construíam suas casinhas e fazendinha, trocavam seus bloquinhos com as outras crianças e até chegavam a construir juntas. Alegres, tinham brilho no olhar.

Fiquei alarmada ao constatar que havia também crianças que simplesmente não conseguiam brincar. Estavam tão preocupadas em acumular bloquinhos, que passavam o tempo todo tensas querendo trocar bloquinhos com o amiguinho do lado e caso não conseguissem armavam um plano para roubar os bloquinhos daqueles que estavam brincando.

A “brincadeira” deles era acumular o máximo possível de bloquinhos e “proteger” dos outros para que não fossem roubados. Passavam o tempo com os braços envolvendo os bloquinhos e com a cabeça abaixada cobrindo-os para protegê-los. Era a imagem perfeita do capitalista que acumula seus bens e os coloca numa caixa forte para que eles não sejam roubados. Não conseguiam nem usufruir daquilo que acumulavam com tanto desgaste, nem conseguiam brincar com os bloquinhos acumulados...

Essas crianças perderam (ou será que nunca adquiriram?) a capacidade de brincar, sobrecarregadas com uma quantidade ilimitada de brinquedos transformando-os em objetos mortos, de acúmulo. Reflexo de uma sociedade que acredita que a felicidade do homem está no acúmulo de bens que dá a ilusão de uma completude, roubando-lhe a possibilidade de um gesto poético. Não são mais capazes de criar, brincar e transformar. Tensas querem ter mais e mais bloquinhos sem saber bem o que fazer com eles. Esquecem que os bloquinhos na conta bancária ficam mortos. Tive a nítida sensação que estas crianças já estavam preparadas para saírem da faculdade de administração e ir trabalhar no mercado financeiro.

Sabemos que quando o gesto não tem o acolhimento do outro, o homem não consegue se colocar em devir e assim fica paralisado. A brincadeira é o modo mais genuíno disto acontecer. Muitas famílias não conseguem pensar a brincadeira neste lugar e estão mais preocupadas que seus filhos tenham muitos brinquedos e freqüentem muitos cursos. Algo que vai de encontro a “quanto mais melhor”. Essas crianças passam tanto tempo “sendo instruídas” que, quando têm um tempo livre para “somente” brincar, não sabem o que fazer, necessitam de alguma regra.

Aqui, no entanto, aponto para algo mais grave, não acredito que seja um problema de determinada família, mas a impossibilidade de brincar é um problema que reflete o modo como nossa cultura está adoecida. O brinquedo virou um objeto de acúmulo e criança feliz é aquela que tem muitos brinquedos, ou é “ensinada” e “instruída” o tempo todo.

Uma criança que passe um bom período de sua vida brincando livremente, é alguém que apenas precisa de um espaço livre e companhia. Como isto é possível numa sociedade na qual os pais estão cada vez mais ocupados, acumulando dinheiro? Além disto, esta criança não está “consumindo” nenhuma atividade que precisa ser paga, não está dando “lucro” a ninguém.

Muitas vezes, a criança está sozinha a brincar, ela não precisa de nenhuma instrução. Como dizer que uma criança ao brincar está só, se sabemos que ela precisa de companhia? Dizemos que ela está sozinha mas acompanhada. Ela não precisa de uma companhia efetiva que diga o que ela tem que fazer, apenas precisa de alguém ao lado dela.

O paradoxo de que a criança está sozinha acompanhada reflete profundamente o paradoxo da condição humana. Uma vez que, pensar a liberdade originária como solidão e responsabilidade nos remete a um homem longe de todos. Pensar no homem ontologicamente em meio à comunidade nos remete a um homem perto de todos. Chamo mais uma vez Guimarães Rosa⁴⁴ para mergulharmos no paradoxo:

“Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...” (2001,p.74)

O capinar é sozinho, mas como se trata de um capinar que é no mundo é necessariamente com os outros homens e na sua comunidade. São os outros homens e a comunidade em que nascemos que nos dão apoio e sentido para a nossa caminhada abismal. É a companhia de alguém que permite a criança brincar, mas ela brinca sozinha. Capinamos sozinhos, mas colhemos junto aos outros.

⁴⁴ Rosa, J. G. *Grandes Sertões: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

Heidegger (2008)⁴⁵ diz que **com** é um modo próprio de ser de homens com homens. O compartilhamento de um mundo implica que somos junto às coisas, junto às plantas e animais e **com** os outros homens. E porque somos com os outros homens podemos compreendê-los (ou não compreender, o não compreender é sempre uma possibilidade do compreender).

O fato de sermos com os outros não nos permite que sejamos sem eles, é vedado ao homem estar sem os outros. Ainda que estejamos sem alguém ao nosso lado é apenas o desdobramento de uma possibilidade de estar com o outro. Uma maçã não é com outra maçã, nem é sozinha, dizemos que uma maçã não tem existência, apenas é real.

Existir é uma condição humana de um ente que transcende o mundo e nessa transcendência compartilha com os outros homens o mundo. Vivemos em comunidade, pois o ser com o outro nos coloca num mundo compartilhado.

O trabalho do psicólogo é um desdobramento possível deste estar com o outro, é de certo modo um andar lado a lado que acolhe e confere sentido para os passos. Muitas vezes, nossa ajuda é caminhar lado a lado com uma pessoa que adoeceu. Outras vezes, podemos ajudar os cuidadores desta pessoa a fazer este papel. Acho também que, como psicólogos, temos a função de tentar contribuir para uma sociedade menos adoecida que também faça esta função. E aqui chegamos a mais um tema para contemplarmos a postura terapêutica aqui proposta.

2.5) O papel da família e da comunidade e nossa contribuição terapêutica.

Num primeiro momento de nossas vidas é a família⁴⁶ que cumpre o papel de, a partir de sua companhia e devoção, tirar nossas potencialidades da sombra. Depois é tempo de sairmos de casa e a comunidade como um todo acaba cumprindo esta função. É por isso que o papel da escola é tão importante na vida de uma criança.

⁴⁵ Heidegger, M. *Introdução à filosofia*, tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

⁴⁶ É válido ressaltar que a família também deve ser amparada pela cultura. É muito comum mães não encontrarem esse respaldo e se sentirem absolutamente solitárias. Quando uma mãe “falha” e seu filho adoce, podemos dizer que a comunidade como um todo “falhou”.

Gosto de uma frase de Winnicott que diz que a melhor forma de terapia é a vida. Muitas vezes nossa maior ajuda é ajudar aos pais e cuidadores fazerem aquilo que eles “já sabem”.

Kelvin foi um garotinho de três anos que eu conheci na escola. Ele era feliz e saudável, gostava de brincar com os coleguinhas e raramente chorava. De repente, tudo mudou na vida dele. Kelvin não fazia mais as atividades propostas, não brincava mais, estava sempre irritadiço, chorando o tempo todo. Parecia que sua mãe estava mandando para escola outra criança em seu lugar.

Certa vez, eu estava na hora do recreio e todas as crianças estavam animadas dando tchauzinho para o pintor pendurado no prédio ao lado. Kelvin simplesmente entrou em pânico, começou a chorar e foi se esconder debaixo da mesa da sua classe. Nada o tirava de lá.

Entrei de baixo da mesa e comecei a conversar com ele, que só chorava e repetia:

- “ele vai entrar aqui, ele vai entrar aqui....”

- Kelvin, você tá com medo que o homem que está pendurado no prédio entre aqui na nossa escola?- perguntei

Mas Kelvin só chorava. Tentei falar para ele que não tinha perigo, que o homem não entraria na escola, que só estava pintando o prédio vizinho, mas nada acalmava o garoto. Ele sentou no meu colo, chorou mais um pouco e exausto dormiu.

Alguns dias se passaram, e os pais de Kelvin me procuraram. Diziam que ele tinha mudado muito nas últimas semanas. Perguntei se tinha ocorrido alguma mudança significativa na vida dele e os pais contaram que eles tinham mudado de casa e que justamente na semana da mudança o pai tinha ido viajar a trabalho por 15 dias. Kelvin se viu sem sua casa e sem seu pai!!!!

O pai já tinha voltado, mas o comportamento de Kelvin continuava o mesmo, não obedecia mais ninguém e só chorava. Afirmaram que não estavam sendo muito moles com ele e que sempre tiveram a preocupação em colocar limites nele,

perguntaram ainda o que fazer se deveriam aumentar os castigos, serem mais duros.

Falei para os pais que achava que Kelvin estava se sentindo extremamente inseguro e sem casa, seu comportamento parecia de alguém com muito medo e assustado. Nesse momento o pai conta que teve uma noite que Kelvin começou a gritar o pai foi até seu quarto e ele falava “o cachorro, o cachorro...”. O pai diz que realmente tinha algum cachorro no vizinho latindo, mas que estava bem baixo.

Falo para eles que é momento de fazer com que Kelvin se sinta mais seguro na nova casa para que aquela se transforme na casa dele. A mãe comenta que sentiu muito medo também nas primeiras semanas sem o marido e na casa nova, também se sentiu absolutamente só e num lugar estranho.

Digo que o melhor a fazer era estar sempre presente nos momentos em que Kelvin estivesse com muito medo e mostrar para ele, ao longo do tempo, que aquela também era uma casa segura. Viagens de um dos membros deveriam ser evitadas até que ele se sentisse mais seguro.

Os pais saíram mais tranquilos da reunião do que entraram, afirmaram que não tinham feito a relação da mudança do comportamento da criança com o episódio da viagem do pai e mudança de casa. Passaram algumas semanas e Kelvin voltou a ser a criança de antes. Fiquei pensando até que ponto minha intervenção tinha gerado algum benefício para aquela família, quando me deparei com o seguinte comentário de Winnicott⁴⁷:

Na grande maioria desses casos a atmosfera geral é favorável, e caso se consiga dar uma pequena ajuda à criança ou ao membro doente na família ou grupo social, o progresso clínico sucederá pelas forças da vida e do processo de desenvolvimento. É uma questão de transformar um círculo viciado em um círculo benigno. (2007, p.52)

Quando, no início deste trabalho em meu percurso, eu disse que o trabalho do psicólogo em uma escola poderia ajudar a uma criança antes que ela fosse parar

⁴⁷ Winnicott, D. *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2007.

num de nossos consultórios, pensei neste caso. Às vezes, uma boa conversa com os pais e um pouco de orientação são suficientes para que um caso se desenvolva de maneira satisfatória, naturalmente. Vejo que muitos pais se sentem absolutamente sozinhos na lida diária da criação de seus filhos. Cheios de compromissos e sem tempo para conversar com os outros que passam ou já passaram por isso, ficam desesperados. O que eu oferecia na escola sob nome de “Plantão Psicológico” devia ser algo muito parecido com as conversas que os mais experientes tinham com os mais jovens, antes de ficarmos tão ocupados.

Com isto quero frisar o quanto a cultura contemporânea já não fornece mais os elementos necessários para o acontecer humano, os pais tem poucos lugares de conversa com outros pais que podem, a partir de suas experiências, ser companhia para a tarefa tão difícil de criar um filho.

A cultura já não acolhe mais nossos gestos e assim muitas vezes nos sentimos perdidos. O homem como hermeneuta peregrino que é, continua sua caminhada, sempre na presença de um outro. O acolhimento do outro é que dá sentido aos nossos gestos e assim continuamos a caminhar. O acolhimento da cultura também dá sentido aos nossos gestos. E aqui trago um triste fala de um poeta⁴⁸:

E foi por ter nascido num tempo assim, repleto de palavras mortas, num tempo já sem nenhuma herança ou tradição cultural, pois herança e tradição cultural são pequenas dicas para que o homem transite e atravesse o aberto, dicas que sussurram desde cedo- isto é ter corpo, isto é comer, isto é morrer- dicas que surgem como respostas furadas à orfandade irrespondível, dicas que eu, enquanto nascido no auge da modernidade mais moderna, não cheguei a escutar... (PESSANHA, 2006, p. 27)

E assim nossa cultura está nos deixando muito desamparados nesta caminhada. Quando a possibilidade de uma pessoa se destinar e assim continuar a andar fica comprometida, o devir humano se paralisa e o homem adocece.

⁴⁸ Pessanha, J. *Certeza do agora*. Cotia, SP: Ateliê Cultural, 2006.

Neste importante tema, ressaltar a importância da comunidade na caminhada de cada um de nós. É pela companhia de um ou de todos, que tiramos nossas potencialidades da sombra. Por isso acho muito importante ajudar os pais e as instituições que cuidam de nossas crianças.

Afirmar acima que é a partir da companhia de alguém que podemos tirar nossas potencialidades da sombra. Mas o que eu quero dizer quando afirmo que algumas potencialidades estão na sombra? Não estamos numa era na qual tudo deve ser bem iluminado? Como havia dito acima, o pensamento da era atual, quer jogar para baixo do tapete o mistério, o nada, o ser, quer ficar apenas como o ente.

Muitos cientistas sonham com o dia em que o genoma descobrirá todos os genes humanos e assim nosso corpo não terá mais nenhum mistério. Mas a psicologia reserva um lugar para as vivências que ocorrem na sombra, são as chamadas vivências inconscientes, e assim chegamos a mais um tema fundamental.

2.6) O inconsciente.

É difícil falar de um tema tão caro à psicologia: o inconsciente. Peço ajuda ao poeta e aqui trago uma bonita passagem de Pessanha⁴⁹:

Cito exemplos de uma tarde. Era um sítio e a luz dourada de cobre atravessa tudo, manchava os muros e invadia as frestas, mas ninguém se moveu e nenhuma palavra sanguínea honrou o sol declinante. Eu escutei: “Filha, pega o casaco que já é hora do pôr-do-sol.” Mas então, para onde foi a luz dourada? E o “intercâmbio resplandecente” do corpo com o sol? A questões como essas o cidadão engolido pelo uniforme teria de responder: “Nós fabricamos um inconsciente. É a nossa vergonha, mas também nossa esperança. Ele é o lugar para onde passa aquilo que não estamos à altura de experimentar.” (2009,p.22)

Mas então o não ser, o nada, o mistério, o instante pirilampo que Clarice nos anuncia, nada mais é do que o inconsciente? As vivências que estão na sombra são as vivências inconscientes?

Trago uma vinheta clínica para pensarmos “o caso”:

⁴⁹ Pessanha, J. *Instabilidade Perpétua*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2009

-Eu sei que você vai dizer que meu acidente de trabalho está relacionado com um desejo inconsciente meu de ficar em casa e sem trabalhar- minha outra psicóloga me disse isto- mas eu não consigo entender isto, juro que não é bom acidentarse, dói muito, pior ainda é ficar preso em casa- disse Cleiton em um dos nossos primeiros encontros.

-Não acredito que você tinha um desejo de se machucar, ainda que este fosse inconsciente. Me conte mais dos seus acidentes.- me limitei a responder.

Cleiton tinha uma história de vida peculiar, ao longo dos anos tinha se acidentado diversas vezes, e sempre se machucado muito gravemente. O último acidente foi no trabalho, ele estava mexendo na rede elétrica, quando se distraiu tomou um terrível choque e caiu da escada. Sofreu diversas fraturas, ficou muito tempo no hospital e agora ele estava se recuperando.

Cleiton parecia precisar de cuidado dos outros, mas dizer que o desejo inconsciente de ser cuidado fazia com que ele se machucasse constantemente, não me parecia condizer com que acontecia com ele.

Toda vez que atendia Cleiton, eu sentia um mal estar físico, sentia como se eu estivesse numa prisão. Sua sessão era lenta, sua fala era lenta, seus passos eram lentos e Cleiton parecia ter profundas dificuldades em se movimentar no espaço. Quando acabava de atendê-lo, precisava ficar um tempo fora da sala para “me recuperar”.

Meu corpo estava contando algo sobre Cleiton que era impossível de ser colocado em palavras. Contava-me de uma angústia, de uma prisão. Era algo que eu não tinha consciência. Tinha algo na sombra, que ainda não tinha tido a possibilidade de ser na vida de Cleiton, mas que de maneira alguma podia ser da ordem do reprimido, era da ordem do não vivido.

Certo dia Cleiton começou a me contar de sua infância. Disse que sua irmã mais velha o adotou quando ele era muito pequeno. Sua mãe/irmã achava as ruas profundamente perigosas e Cleiton não podia sair de casa⁵⁰ em hipótese alguma. Ele passou a infância inteira preso dentro de casa para não se machucar. O primeiro acidente que Cleiton sofreu foi uma queda de cima do telhado, quando foi empinar uma pipa, uma vez que não podia sair de casa.

A partir dos relatos de Cleiton e do profundo sentimento de clausura que eu sentia a cada sessão, pude compreender o que acontecia com ele. Muitas vezes a psicanálise trata este mal estar como contra-transferência e assim o terapeuta deve resolver isto na sua própria análise. Mas o fato é que, por estar junto de Cleiton não apenas com minhas idéias, mas com meu corpo, fui afetada esteticamente e fiz uma 'leitura' da maneira como ele se alojava no seu corpo.

Começou a ficar mais claro o que tinha acontecido com Cleiton, ele não tinha "aprendido" a se deslocar no espaço, tinha sido preso feito um passarinho na gaiola segura e assim era para ele impossível voar. Era como se ele tivesse uma profunda incapacidade de se deslocar no espaço. Ao ficar trancado em casa Cleiton não desenvolveu habilidades de andar e estar no espaço com segurança.

Em outra sessão, o paciente conta que uma das coisas que mais gosta de fazer é sair andando sem destino nas ruas de São Paulo, chama isto de "passeio". Ele relata que o problema de seus "passeios" é que acaba perdendo a noção do tempo, e, quando se dá conta já esta num lugar que ele não sabe onde é, e, já passou da hora do compromisso que ele tinha marcado. Isto gera grandes tumultos em sua vida.

⁵⁰ É preocupante este excesso de segurança peculiar do nossa era. Como dizia Guimarães: *"Viver é muito perigoso"*, mas o homem contemporâneo é alérgico a essa fala. Durante o período que trabalhei na escola, os pais ficavam profundamente aborrecidos quando um de seus filhos se machucava. A culpa era da escola que não tinha cuidado direito. O machucar-se é algo natural e necessário na vida de uma criança, mas as crianças estão perdendo este direito. Cada vez mais o lugar do brincar tem que ser mais seguro e apropriado. Chegou ao ponto do chão do pátio ser inteiramente revestido de borracha para que, caso elas caíssem, nada acontecesse. Tentei explicar para todos que chão é duro mesmo, mas não surtiu muito efeito. O número de "acidentes" depois desta medida caiu quase a zero e todo mundo ficou feliz com o resultado.

Safra (2006)⁵¹ afirma que a maioria das nossas potencialidades permanece na sombra, assim podemos realizar poucas delas ao longo de nossa trajetória. Essas potencialidades que estão na sombra podem ou não fazer parte de algo que foi reprimido ao longo de nossas vidas.

A idéia de inconsciente para a psicanálise está ligada à idéia de repressão de um desejo, assim uma potencialidade pode ficar a sombra. Mas é preciso levar em conta que as potencialidades que estão na sombra muitas vezes não são da ordem do vivido e reprimido, são da ordem do não vivido:

Quando se aborda o ser humano a partir da sua condição ontológica, ainda que se aceite a idéia do inconsciente, o que se revela como mais importante é o não-inconsciente e o não-consciente. (SAFRA, 2006, p.78)

Acho que no caso de Cleiton não havia um desejo reprimido, mas potencialidades que haviam ficado na sombra por nunca ter tido como vivê-las.

O ser humano, para colocar suas potencialidades sob o domínio de seu gesto precisa da companhia de outra pessoa, assim a companhia do outro acolhe e legitima nossos próprios passos. O homem é um ente ontologicamente com o outro, em comunidade.

A condição humana está na transcendência. Transcender é ultrapassar os entes, nesta ultrapassagem o ente se desvela para nós como ele é. Desvela-se para em seguida se velar e mergulhar no nada. Concebemos o ente nesse instante que a coisa é, neste movimento do ente, compreendemos também o ser.

Lançados no abismo do mundo, temos a incumbência de ser quem somos, construindo passo a passo nossa história, que só se completa com a nossa morte. Nossa finitude nos dá a chance de fazer uma história.

Nossa caminhada e nossa história se dão no mundo, com os outros homens, mas a obrigação de dar os passos é de cada um de nós. Como ente que habita essencialmente à abertura, construímos um mundo, que se faz mundo a cada passo. O homem ao construir uma história brinca, vincula o mundo a serviço dos

⁵¹ Safra, G. *A Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

sonhos. Ao longo de nossa caminhada, muitos gestos ficam na sombra, sem espaço e companhia para legitimá-los. Outros aspectos de nossas vivências são da ordem do inconsciente e nunca se tornarão conscientes. Por isso, a noção de inconsciente, quando se aborda o ser humano pela condição ontológica, mais do que considerar as potencialidades que foram reprimidas e colocadas à sombra, considera também aquelas que nunca chegaram a ser, que nunca foram nem reprimidas. O homem é este ente que vive entre dois absolutos mistérios; não sabe nem seu começo nem seu fim.

Filosofar é compreender isto, ser homem é compreender isto, ser finito é compreender isto. Filosofar é, portanto, um modo de ser do ente que é finito e no mundo, Deus não precisa dela e os animais não tem acesso a ela.

A poesia nos revelou tudo isto de maneira radical. Aqui usei a poesia sem dar muitas explicações do motivo, mas ao lê-las vimos que a escolha foi acertada. Agora quero pensar no motivo que leva o poético a desvelar tão bem o sentido do ser: desvelar e velar.

CAPÍTULO 3: O SER E O POÉTICO.

3.1 O poético como ontologia direta.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra - a entrelinha- morde a isca, alguma coisa se escreveu. (LISPECTOR,1973,p.23)⁵²

Mais uma vez começo um capítulo com Clarice, parece que ela, assim como outros poetas, intuía a questão do ser e do poético. Nessas breves linhas ela conta do seu modo de escrever, afirma sem medo que a escrita se dá quando uma palavra isca a não palavra.

Mas como uma palavra pode iscar algo que não é palavra? Que tipo de escrita tem esse poder? Sabemos que um texto dissertativo pretende deixar claro e objetivo tudo o que está sendo escrito, não existe lugar para uma palavra iscar algo que seja a não palavra. O autor que discorre pretende ter um poder sobre o texto e nada lhe deve escapar.

Clarice não pretende ter esse poder, sabe que algo lhe escapa. É interessante como ela diz que “alguma coisa se escreveu”, é quase como se ela não se sentisse responsável pelo o que escreveu. A autora sente como se fosse apenas uma passagem e escuta para o que tem que ser escrito. Ali onde algo lhe fugiu do controle é que se deu a escrita. A escrita poética mora neste lugar que em poucas linhas Clarice desvelou.

Manoel de Barros⁵³ habitando o mesmo lugar de Clarice afirma: “Há certas frases que se iluminam pelo opaco” (2001,p.23). Dizer que o opaco ilumina é contraditório. Como o opaco, aquilo “que não deixa atravessar a luz” (BORBA, 2004), pode iluminar? Intuímos o que o poeta quer dizer: apesar de vivermos numa época que quer colocar luz em tudo, sabemos que certas coisas se iluminam e se mostram a nós exatamente por serem opacas.

⁵² Lispector, C. *Água Viva*. São Paulo: Artenova, 1973.

⁵³ Barros, M. “Uma didática da invenção”, *Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Já havíamos nos deparados com algumas contradições no capítulo anterior e soubemos conviver com elas. Elas não foram apagadas do texto, um poema diz por que contradiz. Munidos de contradições percebemos no segundo capítulo que Clarice e os outros poetas contemplavam a questão do ser ontologicamente, reservando espaço para o ente e para o nada.

A poesia é a maneira de fazer uma ontologia direta, ou seja, dizer diretamente do ser. Heidegger ao longo de seu caminho também intuiu que a questão do ser não poderia mais ser desenvolvida de acordo com um pensamento e a escrita conceitual (aquele que não aceita a palavra iscando a não palavra) e viu a necessidade de dar um passo mais a diante, na direção de um encontro com a poesia, de modo que ele pudesse efetivamente transitar pelas regiões tortuosas e inusitadas do ser (WERLE, 2005)⁵⁴

O encontro de Heidegger foi com Hölderlin, Trakl, Stephan George e Rilke. Segundo o filósofo estes eram os verdadeiros poetas, porque poetas da poesia e assim conduziram os diferentes temas literários ao tema único da essência da poesia. Hölderlin seria o poeta da poesia por excelência

Ao longo deste trabalho não vou me encontrar com estes poetas, vou me encontrar apenas com o que se deu deste encontro, com os pensamentos heideggerianos sobre a essência da poesia e a instauração de um modo de pensar poético.

Preferi me encontrar com poetas da nossa língua. Mas porque apenas com poetas que escrevem em português? Não sei, mas talvez intua a resposta.....sou apaixonada por nossa língua, por nossas palavras....elas me dizem tanto:

Procuró dizer o que sinto

Sem pensar em que o sinto

Procuró encostar as palavras à idéia

E não precisar dum corredor

⁵⁴ Werle, M.A. *Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: Edunesp, 2005.

Do pensamento para as palavras.

(PESSOA, 2005, p.72)⁵⁵

Lendo e escrevendo em português sinto as palavras encostadas na idéia sem um corredor do pensamento para as palavras, exatamente como o poeta nos conta. É a minha língua de lida diária com as coisas. Não quero sugerir com o que estou falando que poetas que escrevem em outras línguas não devem ser lidos ou estudados, apenas estou contando como sinto e o porquê da minha escolha. Escuto melhor em português.....

Voltando aos filósofos, depois de contar um pouco do meu caminho, Heidegger em seu texto “*A origem da obra de arte*” reserva um lugar muito importante para a obra de arte, o lugar de revelação da verdade. Termina seu texto dizendo que, como revelação da verdade, toda obra de arte é poética. Arte, poesia e verdade se encontram. Manoel de Barros diz o mesmo: “Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira”. (2009, p.67)⁵⁶

Parece que o filósofo e o poeta concordam com o lugar da poesia como ontologia direta e revelação da verdade. O que seria então verdade para eles?

3.2) Essência da verdade e verdade da essência.

Heidegger(1973)⁵⁷ para chegar à essência da verdade, discute primeiramente o que é verdade para o pensamento metafísico (que influencia toda nossa era). A verdade na metafísica está sempre relacionada com o conceito de **adequação**. Isto implica que o verdadeiro e a verdade ocorrem quando a coisa está de acordo com o que se esperava previamente dela. Por exemplo, dizemos que uma jóia é verdadeira quando ela é de ouro, e que uma jóia é falsa quando é feita de

⁵⁵ Pessoa, F. “Guardador de Rebanhos”, *Poesia Completa de Alberto Caiero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

⁵⁶ Barros, M. “O livro sobre nada”, *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

⁵⁷ Heidegger, M. “Sobre a essência da Verdade”, tradução e notas de Ernildo Stein, *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

outro metal. Uma jóia falsa também existe, mas não é verdadeira pois não está de acordo com o que esperamos previamente de uma jóia (que seja de ouro).

A verdade acontece também quando o enunciado que se faz a respeito de algo está adequado. Dizemos que fulano disse a verdade quando diz que o carro é azul e o carro é da cor azul. A enunciação é verdadeira quando ambos (enunciação e a coisa) estão acordados. O lugar da morada da verdade passa a ser a proposição, que pode ser verdadeira ou falsa.

Esta maneira de pensar a verdade, que corresponde à adequação, é decorrente da fé cristã e da idéia teológica que reserva para as coisas uma essência e uma existência, que correspondem à idéia previamente concebida pelo intelecto divino. Ou seja, as coisas têm uma essência e existência que foram criadas por Deus. Conhecê-las e saber a verdade a respeito delas é pensá-las de acordo com o que Deus previamente concebeu a partir de um plano de criação.

Ao longo da história a adequação foi desligada da idéia de criação divina e passou a ser representada como ordem do mundo (que cabe à ciência desvendar). Assim a verdade da coisa passou a significar estar sempre o acordo da coisa dada com seu conceito essencial, tal como a razão o concebe. Fernando Pessoa⁵⁸ atento a essa mudança começa seu Livro do Desassossego da seguinte maneira:

Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido sem saber porquê. E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e não porque pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade para sucedâneo de Deus. Pertencço, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem vêem só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado. Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. (1999, p.45)

Ainda que tenha passado das mãos de deus para as mãos do homem, como Fernando Pessoa atentou, a concepção de verdade metafísica continuou a carregar a mesma essência, que pode ser muito bem descrita pelo conceito de adequação, ou seja, uma idéia sólida e rígida de como todas as coisas são. Até quando a

⁵⁸ Pessoa, F. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

verdade estava nas mãos de Deus, este era um criador que tinha um plano de criação feito a sua semelhança. Agora que a humanidade é sucedâneo, a ordem do mundo deve estar de acordo com as regras da razão humana.

Heidegger acredita que com esta concepção de verdade mascara-se o caráter originário da verdade. Como pode uma enunciação sobre a coisa se adequar a ela, se ambas (enunciação e coisa) são diferentes? Como esta relação pode se dar?

Enquanto esta relação não for discutida a questão da verdade está sendo desenvolvida no vazio. Ao se pensar a relação entre enunciação e coisa real surge a hipótese de que a primeira receba a sua conformidade da abertura do homem, que é quem faz a enunciação (apesar da ciência ter a pretensão de fazer uma enunciação neutra, que ninguém fez e que todos fariam).

É a abertura do homem frente ao mundo que permite a conformidade da enunciação. Logo a verdade tem a sua morada na possibilidade de abertura do homem e não na proposição. Mas como se funda a abertura do homem que é o lugar da morada da verdade?

Como vimos no capítulo anterior a abertura do homem está fundada na liberdade. O homem é aquele que tem a liberdade como obrigação e ao longo do caminho, feito com as próprias pernas e em comunidade, os entes se desvelam para ele. É por isso que Guimarães nos diz que o real se dispõe para nós no meio da travessia.

Se é pela abertura do homem que os entes se desvelam, como é possível chegar a verdade?

A verdade para o autor não é a adequação de uma proposição a coisa real, mas ao desvelamento (alethéia) do ente enquanto tal.

O conceito de verdade como alethéia mostra que o ente se desvela para o homem, que na sua abertura o recebe. Ao pensar em um desvelamento do ente é necessário pensar no seu contraponto, o velamento ou encobrimento, o instante pirilampo que acende e apaga. Mas então este velamento seria a não verdade?

É neste ponto que Heidegger rompe com o pensamento metafísico. Para ele o mistério e o velamento, não são a não-verdade, mas fazem parte, tanto quanto o desvelamento, da verdade. Os poetas sabem disso: “Ando na sombra, nesse lugar onde tantas coisas acontecem.” (LISPECTOR, 1973, p.97)⁵⁹

Heidegger e os poetas reservam um lugar para o que é misterioso. Ele não pergunta apenas pelo ente e estende a sua questão para o nada e para o ser. O ente se desvela velando. Isto é, o homem recebe em sua abertura o desvelamento de um ente, mas este reserva um velamento, um mistério. Por isso que ao deslocar o âmbito da verdade da lógica para a ontologia as contradições são aceitas e não destruidoras de um império do real.

Certa vez, em uma aula de lógica na faculdade de filosofia, o professor chegou a afirmar que para as sentenças contraditórias existirem o mundo teria que ser um outro mundo. Pensando no que o professor disse reflito como a questão do ser foi expulsa do nosso pensamento a tal ponto que a expulsamos do mundo.

Se as contradições foram expulsas, o que dizer das tautologias que dizem do é da coisa? Este mesmo professor também afirmou que as tautologias, eram sentenças necessariamente verdadeiras, porém vazias. Ainda com sua frase ressoando na minha cabeça escrevi.

Gosto de tautologias.

A lógica diz que são sentenças vazias,

Pois eu acho que são as mais cheias.

Meu gosto pelas tautologias veio junto com o meu gosto pelas questões mais simples, ao é da coisa.

⁵⁹Lispector, C. *Água Viva*. São Paulo: Artenova, 1973.

O excesso deixa as coisas vazias.

O simples deixa as coisas cheias.

No excesso tudo é e nada é.

No simples é.

Paramos de olhar para o simples como se ele não tivesse mais valor, simples e vazio foram colocados no mesmo saco. Os substituímos por sentenças e representações complexas, estas sim na maioria das vezes vazias. Como dizia Winnicott⁶⁰ (2004) paramos de olhar o brincar como simples brincar e passamos a representá-lo como sublimação do instinto.

Mas o olhar que contempla o ser volta para o originário, para o simples. Lispector, atenta para isto, diz: “Faz parte do trabalho registrar o óbvio” (ibid, p.72)

Ao fazer o registro do óbvio Clarice diz que toma conta do mundo. Sabendo da sua função como cuidadora do mundo ela revela: “Você há de me perguntar por que tomo conta do mundo. É que nasci incumbida” (ibid, p.72)

Sua incumbência, como poeta, é a de olhar o desvelamento e o velamento dos entes. É de ser a cuidadora da verdade como alethéia. Depois de olhar o mundo, ela registra o óbvio para os outros mortais, que ao longo do tempo pararam de olhar para ele.

Assim, dizer que vivemos numa era da técnica significa que a verdade já não corresponde ao conceito grego de alethéia, mas a adequação de um plano de criação primeiro divino, depois racional. Na técnica, a verdade já não é mais desvelamento, mas uma provocação que oculta o desvelar, dizendo de outro modo, forçamos o instante pirilampo a ficar eternamente aceso.

Ao olhar para a essência originária da verdade (alethéia), Heidegger (1989) afirma que passamos a olhar para a verdade da essência. Esta acontece na obra de

⁶⁰ Winnicott, D. “O Brincar”, *Brincar e Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

arte. O que ocorre na obra que revela a verdade da essência? A obra de arte ocorre num combate entre terra e mundo. Numa bela imagem Manoel de Barros⁶¹ diz:

“Adoecer de nós a Natureza:

- Botar aflição nas pedras

(Como fez Rodin).” (2001, p.19)

Ao colocar aflição nas pedras Rodin apresenta, através da sua obra de arte, um mundo. No capítulo anterior compreendemos que apenas os homens têm um mundo, no qual acontece a sua história. Ao pertencer a um mundo o homem toma suas decisões e com isto constrói a sua história e suas significações. É neste mundo que o homem nasce e cresce. É este mundo que Rodin desvela para nós a partir de suas esculturas. O que possibilita o homem a fazer parte de um mundo é o fato dele estar liberto e aberto para os entes serem, enfim o homem existe.

A obra de arte mantém aberto o aberto do mundo. Neste sentido ela é uma clareira na qual os entes se revelam. Mas se a obra de arte desvela um mundo ela deve também ocultar, uma vez que é assim que os entes se dão. Como ocorre este duplo aspecto da obra de arte?

Ao desvelar um mundo na escultura, Rodin adoece a Natureza. A pedra que não pode ser aflita, uma vez que ela não existe, nas mãos do escultor fica aflita. Ao contemplarmos sua obra até nos esquecemos que o material que o escultor se utiliza é pedra. Mas a matéria está lá, basta tocarmos para saber. A obra, além de revelar um mundo, oculta a matéria de que esta obra é feita. Então a obra revela um mundo e oculta a terra. É preciso chegar mais perto do que o filósofo quer dizer com a palavra terra: “A terra é o seio no qual o desabrochar das coisas se faz em sua própria ocultação. Em tudo o que desabrocha, a Terra se torna presente como aquilo que se retrai” (HEIDEGGER, 1989,p.229)⁶²

⁶¹ Barros, M. “Uma didática da invenção”, *Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁶²Heidegger, M. “A origem da obra de arte”, tradução e apresentação e notas de Maria José R. Campos, publicada na *Kritérion*. Revista de Filosofia, número 76. In: *Caminhos da Floresta*, Lisboa: Gulbenkian, 1989.

A terra é, portanto aquilo que resiste no desvelamento de um ente. É o que reserva o mistério das coisas. A obra é feita de alguma matéria, e assim exige uma produção. Ao apresentar um mundo a obra oculta, mas não faz desaparecer, a matéria de que é feita⁶³. A terra dá a possibilidade das coisas serem, mas também resiste e guarda um mistério no qual as coisas não são. Heidegger relaciona o conceito de terra com o conceito grego de **physis**, como a natureza em seu sentido originário, que se manifesta a partir de seu recolhimento. Ele e o poeta estão olhando para o mesmo lugar quando falam da natureza, da pedra.

A obra apresenta exatamente este combate entre terra e mundo, pois ao apresentar um mundo a obra também tem seu caráter material que resiste a esta revelação, a terra se oculta e se retrai, resguardando todos os seus mistérios. Este movimento de desvelamento e ocultamento entre terra e mundo é o movimento próprio dos entes:

O mundo é a abertura instauradora das decisões simples e essenciais no destino de um povo histórico. A Terra é a livre aparição de tudo o que constantemente se oculta e nela se resguarda. Essencialmente diferentes, Terra e mundo jamais se separam. O mundo se fundamenta sobre a Terra e esta se faz presente através do mundo.(ibid, p.237)

Esta relação entre terra e mundo, desvelado e velado, não se apresenta de forma vazia, mas ambos no combate. O mundo quer se desvelar e a terra se retrai, ela resiste. A mesma clareira que desvela o ente, mantém a sombra em volta dele, deixa o mistério sempre presente.

O desvelar e velar fazem parte do movimento dos entes, a desocultação mantém uma recusa que oculta, este é o porquê da obra de arte mostrar a verdade de como as coisas são, já que algo só pode se mostrar porque outro se oculta. A verdade da essência é esta luta na qual um aberto é conquistado na medida em que o velado se retrai, a essência da obra também é esse combate.

⁶³ Aqui é interessante pensar que o artista não alucina a matéria, ele depende da matéria, não é possível fazer uma escultura com água, por exemplo. O mesmo acontece quando a criança brinca, ela não alucina, ela depende e se entrega ao brinquedo. É por isso que Winnicott diz que o lugar da brincadeira é a terceira área, e que o brincar fundamenta as atividades artísticas. Assim o gesto da criança ao brincar é poético como o é o gesto do artista.

Como afirmamos algumas páginas atrás, toda obra de arte é poética. A arte deixa acontecer o advento da verdade do ente enquanto tal (verdade da essência). Isto é “poetar”, num amplo sentido.

A poesia, entretanto, tem uma especificidade perante as outras artes e, segundo Heidegger (1989), ocupa um lugar marcante na totalidade das artes. É fácil perceber que o poeta usa a linguagem. Agora chegou o momento de olhar mais de perto a poesia e a linguagem.

3.3)Linguagem e poesia.

Mais uma vez chamaremos Drummond⁶⁴, no sugestivo poema intitulado “A procura da Poesia”:

Não faças versos sobre acontecimentos.
 Não há criação nem morte perante a poesia.
 Diante dela, a vida é um sol estático,
 não aquece nem ilumina.
 As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
 Não faças poesia com o corpo,
 esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.
 Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro
 são indiferentes.
 Nem me revele teus sentimentos,
 que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.
 O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixe-a em paz.
 O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das
 casas.
 Não é a música ouvida de passagem; rumor do mar nas ruas junto à
 linha de espuma.

O canto não é a natureza
 nem os homens em sociedade.

⁶⁴ Drummond, C. “Procura da poesia”, *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Para ele, a chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.
 A poesia (não tires poesia das coisas)
 Elide sujeito e objeto.

.....

Penetra surdamente no reino das palavras.
 Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
 Estão paralisados, mas não há desespero,
 há calma e frescura na superfície inata.
 Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
 Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
 Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
 Espera que cada um se realize e consume
 com seu poder de palavra
 e seu poder de silêncio.
 Não forces o poema a desprender-se do limbo.
 Não colhas no chão o poema que se perdeu.
 Não adules o poema. Aceita-o
 como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
 no espaço.
 Chega mais perto e contempla as palavras.
 Cada uma
 Tem mil faces secretas sob a face neutra
 e te pergunta, sem interesse pela resposta,
 pobre ou terrível, que lhe deres:
 Trouxeste a chave? (2008, p.247-249)

Acho que neste poema, a exemplo do que Heidegger fala de Hölderlin, Drummond poetizou sobre a poesia. O poeta abre seu poema dizendo o que não é poesia, deixa claro que fazer poesia não é um comunicar sobre sentimentos e acontecimentos de um eu soberano. Para fazer poesia é preciso penetrar subitamente no mundo das palavras e ao fazê-lo se encontrar com elas. Drummond diz que é preciso aceitar o poema, o poeta vive uma experiência com as palavras estas o afetam⁶⁵.

⁶⁵ Para Heidegger fazer uma experiência é ser afetado e comovido pela coisa. Suas conferências sobre a essência da linguagem, são um longo caminho para ser afetado pela linguagem como linguagem.

Assim como a matéria de Rodin é a pedra, Drummond nos conta de sua matéria, as palavras. Sua matéria não são os sentimentos, acontecimentos e pensamentos: antes de tudo sua matéria são as palavras. Como poeta seu ofício é penetrar surdamente o reino das palavras. Drummond faz uma experiência com as palavras na qual ele é tocado pela reivindicação da linguagem. Ele confia e se entrega a esta reivindicação.

Sobre o ofício dos poetas Heidegger⁶⁶ nos diz:

O poeta faz a experiência de um poder, de uma dignidade da palavra, que não consegue ser pensada de maneira mais vasta e elevada. A palavra é, ao mesmo tempo, aquele bem a que o poeta se confia e entrega, como poeta, de modo extraordinário. O poeta faz a experiência do ofício de poeta como uma vocação para a palavra, assumida como fonte e borda do ser. (2003, p.129)

Heidegger nos diz que o poeta assume a palavra como fonte e borda do ser. Seu pensamento se dá mediante o encontro como o poema de Trakl intitulado “A palavra”. Neste poema, o poeta faz uma renúncia abdicando de uma relação anterior que os homens pensam ter com a palavra. Nesta, o homem se sente soberano perante a palavra e pode usá-la para nomear as coisas: bastava aparelhar alguma coisa com um nome. Heidegger, junto com o poeta, abdica desta relação. Qual seria então a relação entre homem, palavra e coisa, já que não se trata deste uso e emparelhamento artificial?

Heidegger afirma que a relação entre palavra e coisa foi uma das primeiras coisas que o pensamento ocidental colocou em palavras. Essa relação avassalou o pensamento de tal maneira que se pronunciou uma única palavra: logos. Assim esta palavra quer dizer ao mesmo tempo ser e dizer, mas deixa sem pensar esta relação, e ser e dizer passaram a ser a mesma coisa.

A essência da linguagem se recusa a vir à linguagem, negando sua essência para nossos hábitos representacionais. Para pensar a essência da linguagem é

⁶⁶ Heidegger, M. “A essência da linguagem”, tradução Marcia Sá Cavalcante Schucack, *Caminho da Linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco, 2003.

preciso ter uma experiência com a linguagem, ser afetado por ela, tal como é o poeta.

Assim, nunca se deve dizer da palavra que ela é⁶⁷. Deve-se antes dizer que as palavras dão e concedem. Heidegger não coloca a palavra com um ente, mas como uma doadora de sentido:

Mas o que dá a palavra? Segundo a experiência poética e de acordo com a tradição mais antiga do pensamento, a palavra dá: o ser. Assim pensando esse 'se' do dá-se, temos de buscar a palavra como doadora e nunca como um dado. (ibid, p.151)

Para a palavra nos dar e conceder algo, precisamos nos encontrar com elas, sem a pretensão de “dominá-las”. No poema de Drummond vimos uma renúncia de poder, ele diz que é preciso entrar no mundo das palavras para escrever e elas estão lá com seu poder de palavra e seu poder de silêncio. O poeta sabe bem que as palavras têm poder, elas resistem, elas se entregam. Drummond faz uma experiência com a linguagem por saber que esta é anterior a ele. Sua experiência só é possível porque ele já se encontra na linguagem e é afetado por ela.

A respeito do combate que ocorre na obra de arte entre mundo e terra, Drummond⁶⁸ também vai falar de um combate entre o poeta e as palavras. E aqui apresento seu poema com título bem sugestivo, o lutador:

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.

⁶⁷ Apesar de ter usado a palavra matéria para me referir à palavra, palavra não é coisa. Só usei como uma imagem, fazendo referência à matéria de Rodin. Isto, pois, ambos são afetados, vivem uma experiência. Rodin é afetado pela pedra de suas esculturas e desvela a obra, Drummond é afetado pela palavra e desvela a poesia.

⁶⁸ Drummond, C. “O lutador”, *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2008

Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

.....

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura.(DRUMMOND, 2008p.243-244)

Drummond respeita o poder das palavras, sabe que nesta luta a grande vencedora são elas. Mas para onde podemos estar indo quando dizemos que quem tem o poder são as palavras? Um leitor mais atento poderá ficar com a estranha sensação de que as palavras foram elevadas para o estatuto de um ser fantástico e auto-subsistente. Assim a palavra passa para um mundo abstrato. Pensar a palavra como palavra a deixa sem relação com os homens? A linguagem fica solitária e auto-suficiente?

Heidegger (2003)⁶⁹ afirma que o homem é o ente que fala, e assim a linguagem deve permanecer ligada a fala humana. No entanto se questiona que tipo de laço é este, uma vez que mesmo a linguagem não sendo meramente um feito de nossa atividade discursiva, a linguagem precisa da fala humana. Por onde repousaria o vigor da linguagem? Onde ele se funda? Chamemos mais uma vez o poeta:

A vida de um homem é o instante onde o mundo, em vão, se ilumina. A pedra, a lua e o rosto do outro não seriam comemorados e celebrados se o breve trânsito de nossa aparição não contasse com a língua e com a palavra. Também os gestos ou a dança, e a pintura, igualmente celebram, mas é na palavra das línguas que o mundo deixa de ser mudo e pode tocar a aparição. Se o homem deixa de existir e apenas o lagarto ou outro animal grunhir para a lua, então ela será menos lua e algum deus criador que acaso persista em sua incansável persistência terá de reconhecer que sua 'obra' não é mais devidamente celebrada e ele, junto de seu imenso narcisismo trabalhista, teria de se suicidar. (PESSANHA, 2006, p.23)⁷⁰

O poeta parece resumir nossa caminhada. Primeiro fala da vida do homem como sendo o momento em que o mundo, em vão se ilumina. O homem concede luz ao mundo, o mundo assim se revela para em seguida se velar.

Mas existe um segundo movimento, a celebração. É a partir da linguagem que o homem celebra os entes, ao celebrá-los o mundo deixa de ser mudo e pode tocar a aparição. O homem é quem pode celebrar os entes a partir da linguagem. Sem os homens, sem a linguagem, os entes serão menos entes e a obra divina não é mais celebrada. Assim a arte é celebração que mostra o mundo, todas as formas de arte são celebrações, todas elas são poéticas. Mas o poeta guarda um lugar especial para a poesia pois é na “palavra das línguas que o mundo deixa de ser mudo e pode tocar a aparição”.

⁶⁹ Heidegger, M. “A essência da linguagem”, tradução Marcia Sá Cavalcante Schucack, *Caminho da Linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco, 2003.

⁷⁰ Pessanha, J. *Certeza do agora*. Cotia, SP: Ateliê Cultural, 2006.

A linguagem celebra os entes, os homens enquanto entes abertos ao mundo, e, habitantes da linguagem são os que anunciam esta celebração. A palavra não é uma coisa que representa outra coisa, mas a partir da linguagem o ente é nomeado e conduzido à palavra e a manifestação. O nomear nomeia o ente para o seu ser, partindo dele mesmo, e ente chega assim ao aberto. A palavra conta com o poder de palavra, intrinsecamente a palavra tem outro poder: o poder de silêncio, pois ao revelar para o mundo o dizível, revela também o indizível.

O conceito de linguagem vem sendo muito mal tratado pela filosofia em nossos tempos. Pensamos a linguagem apenas como uma auxiliar útil para o nosso eterno representar, sentimos algo dentro de nós e “usamos” a linguagem para mostrar para as outras pessoas o que estamos passando no nosso “mundo interno”. Ou “emparelhamos” uma palavra a coisa e assim falamos. A linguagem, não é mais a morada do homem, é secundária, primários são os sentimentos, o que se passa com a nossa alma e as coisas do mundo. O conceito de sujeito leva ao distanciamento entre homem, mundo e linguagem. Tudo fica conectado posterior e artificialmente.

Queremos olhar a linguagem como linguagem, analisar a tautologia linguagem é linguagem. Ao penetrar nesta frase tautológica nos deparamos com algo muito simples que há tempos a filosofia parou de olhar: a linguagem fala, o ser humano, enquanto habitante da linguagem, é afetado por ela. E aqui chegamos a mais um tema importante para a nossa prática clínica.

3.4) Idioma Pessoal

Como havia dito acima, o homem participa da linguagem, na medida em que escuta seu apelo. A linguagem é anterior e posterior a cada um de nós. Drummond nos conta, a partir de seu poema, a sua experiência com as palavras, ele é afetado por cada uma delas.

A linguagem, apesar de ser anterior e posterior a cada um de nós, precisa de nossa fala. Assim, mais da metade dos idiomas do mundo, estão condenados à

extinção, uma vez que os povos que os dominam acabam por não “repassá-los” a seus filhos⁷¹. Sem a fala humana o idioma morre.

Quando Heidegger fala de linguagem, pensa-a no registro ontológico, logo não está falando de nenhum idioma específico (registro ôntico). Neste momento, ao pensar o desdobramento na clínica, estarei pensando a linguagem no registro ôntico, uma vez que a desenvolverei como idioma pessoal:

O idioma pessoal, portanto, é derivado do modo singular de uma pessoa, a partir do qual ela tem uma maneira peculiar de interpretar a existência e de emprestar às palavras, imagens e atos, uma semântica existencial pessoal.(SAFRA, 2006, p.36)⁷²

Como disse no capítulo anterior, o registro ôntico fala de uma biografia, de um acontecimento no espaço e no tempo e tem sua fundação no registro ontológico, que é pré-existente e fundante, contém as estruturas do homem desde sempre.

Assim, só falamos o português porque somos humanos, e estruturalmente somos dotados de linguagem. Como brasileiros, participamos do português, uma vez que ao nascermos já era falado o português e quando morrermos, muito provavelmente, continuará a ser falado. Mas antes de “participar” do português, “participamos” da linguagem. Assim um papagaio, ao reproduzir uma palavra, não está realmente falando, uma vez que ele não participa da linguagem, não é afetado por ela.

Recebemos inúmeros pacientes em nossa clínica que parecem não falar nada, e ao acompanhá-los por algum tempo, percebemos que a linguagem está presente para além da fala. Por isso acho fundamental o conceito desenvolvido por Safra de idioma pessoal.

Assim todos nós participamos da linguagem, mas o fazemos de maneira pessoal. Muitas vezes é tão pessoal o modo de falar que não se consegue comunicação com mais ninguém, a fala cai no vazio, não é mais acompanhada.

⁷¹ Fonte: WWW.wikipedia.com

⁷² Safra, G. *A Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

É, portanto um grande risco, para nós terapeutas, reduzir a fala ao discurso, a uma seqüência vazia de palavras que representam um pensamento de um sujeito. Mais arriscado ainda é concluir que algum ser humano, de tão adoecido que está, perdeu a capacidade da linguagem, só porque nós não temos a capacidade de compreendê-lo.

Sabemos que nossos pacientes falam com seus corpos, seus gestos, seu modo de andar. Às vezes notamos que o que está sendo pronunciado no discurso não “confere” com o modo de ser daquela pessoa, existe uma briga, uma incongruência.

Enquanto entes abertos à compreensão (dotados de escuta, afinal a linguagem fala) somos capazes de compreender (ou não) nossos pacientes a partir de nossa biografia e da comunidade em que vivemos. O modo de ser de nossos pacientes chega até nós a partir de nosso modo de ser.

As pessoas que nos procuram também têm seu modo de ser afetadas por questões que as atravessam desde o nascimento, e a partir destas referências interpretam o mundo e sua existência- tem assim seu idioma pessoal.

O conceito de idioma pessoal não deixa a fala reduzida a mero discurso e foi uma grande referência no meu trabalho tanto na escola quanto no consultório. Para conseguirmos escutar um paciente de maneira apropriada é preciso escutá-lo a partir de seu idioma pessoal.

É comum escutarmos que a criança começa a falar quando consegue pronunciar suas primeiras palavras. A criança que “fala cedo” é tida como mais madura do que outra que ainda “não fala”.

Isabella foi uma garotinha que encontrei na escola em que eu trabalhava. Era feliz e saudável, tinha quase três anos de idade e, diferente dos outros coleguinhos de classe, não conseguíamos entender o que ela falava. Era comum escutar que Isabella era a única da classe que ainda não tinha começado a “falar certo”. Ela parecia inventar palavras próprias.

A professora também dizia que ela parecia ser a menos atenta. Enquanto eu contava minhas histórias, Isabella se distraía facilmente com outras coisas. Já estávamos todos começando a ficar preocupados com um possível problema de fala

e atenção da garota, quando houve uma festa na escola. Isabella simplesmente arrasou na festa, dançou muito e cantarolou mais ainda, parecia uma outra criança. Isabella tinha ritmo.

Cheguei à escola na semana seguinte e fui me encontrar com a classe de Isabella. Peguei o livro e comecei a contar a história, mas de uma maneira bem diferente do jeito que eu costumava contar para eles, ao invés de me preocupar com as palavras ditas comecei a me preocupar com o modo de dizê-las na sua entonação e seu ritmo.

Não bastava contar que o sapo estava cantarolando e mostrar sua figura, era preciso coachar e, Isabella com os olhos brilhantes olhou para mim e prestou atenção na minha história inteira. Era preciso, para comunicar-se com Isabella, estar muito atenta ao ritmo das palavras, a garota parecia escutar apenas ritmo e falar apenas ritmo, enfim Isabella não era mais bebê, mas como criança cantava até mais tarde.

E a partir do cuidado com o ritmo das palavras consegui me comunicar com Isabella e a garota, passo a passo, foi aprendendo as palavras que tanto queríamos ensinar a ela. Ela me ensinou a ser uma contadora de histórias melhor, a cantar um pouco mais no cotidiano.

Hoje em nossas escolas uma criança que rapidamente para de cantar e começa a dizer palavras compreensíveis é tida como esperta e madura. Vivemos na era da comunicação desenfreada que nos apresenta uma temporalidade cada vez mais veloz e mais distante do tempo e da corporeidade humana.

Pensar a fala para além do registro representativo leva a compreensão de que a linguagem não é apenas uma seqüência vazia de palavras. O homem ao participar da linguagem, o faz de maneira própria e pessoal e com o seu corpo. A fala não é um abstrato teórico de um ser que fala. A fala que sai do corpo vibra, ressoa.

A era da técnica supervaloriza o registro representativo da fala, uma vez que a linguagem ficou reduzida a uma mera “tradução” de pensamento.

Safra (2006)⁷³ diz que para compreendermos nossos pacientes é preciso pensar a linguagem como apresentativa, uma vez que ela apresenta um modo de ser de cada um de nós. Isabella, assim, não estava atrasada na fala, ela, mais do que falar uma letra, falava um som. Para falar com ela era preciso ser cuidadosa no ritmo e na melodia.

Ainda com o caso de Isabella na cabeça, certo dia estava conversando com um amigo meu que é músico. Ele aprendeu a tocar bateria sozinho, apenas olhando. Ele contou que foi uma criança muito desatenta na escola, um péssimo aluno e que simplesmente não conseguia aprender “as coisas que eles ensinavam lá”. Realmente deve ser muito difícil, para alguém que tem o mínimo de ritmo, participar das coisas ensinadas na escola. Eles parecem simplesmente se retirar.

A musicalidade em nossa era se retirou do cotidiano e foi parar nas casas de show. Assim como Platão⁷⁴ colocou a poesia para fora das cidades, fizemos o mesmo com os ritmos e sons. Lugar de cantar agora é só no teatro.

A ética como cuidado, que portanto leva em consideração a medida da morada humana (ethos) , deve estar atenta para o modo como cada um fala, que mais do que comunicar pensamentos, apresenta o modo de ser de cada um. O corpo é apresentado na fala, ainda que dificilmente tenhamos consciência de que isto ocorre. O outro quando não é escutado, a partir de seu modo de falar, não se sente compreendido e sua fala cai no vazio. Não há comunicação.

O conceito de idioma pessoal deve ser usado como vértice, isto significa que devemos compreender de onde o paciente fala, para assim podermos escutá-lo e compreendermos. Tentar interpretar o modo como cada um fala e a corporeidade expressa na fala, para mim, é um modo de não escutar a pessoa falar.

A postura poética deve manter o pé no não saber e assim suportar o mistério que muitas vezes é estar diante de alguém. O idioma pessoal, mas do que a fala, apresenta um modo de ser, que não é capturado, quando muito é encontrado.

⁷³ Safra, G. *A Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

⁷⁴ Mais para frente desenvolverei melhor esta “idéia platônica”.

O modo como a pessoa fala, seu ritmo, seu modo de estar no ambiente, de andar. Enfim tudo apresenta o modo de ser desta pessoa e como está assentada no mundo. É muito importante que, para nos comunicarmos com nossos pacientes, estabeleçamos a situação clínica a partir do idioma pessoal do paciente. Foi o que fiz com Isabella. Para me comunicar com ela era preciso prestar atenção mais ao ritmo das palavras do que a letra. Isabella poderia ter sido considerada desatenta e pouco madura. Talvez tenha acontecido isto com o meu amigo, que passou toda sua infância e adolescência não gostando da escola e não aprendendo o que era ensinado.

Ouvimos inúmeras histórias de músicos, artistas talentosos e até cientistas renomados que não gostavam e tiravam notas baixas na escola. Parece que a singularidade e o modo de ser de cada um, seu idioma pessoal não é mais contemplado e assim a comunicação fica muito difícil. A escola e outras instituições de ensino deveriam pensar o aprender como gesto poético. Só é possível aprender algo quando se está no registro do poético, quando recebemos e vinculamos aos nossos sonhos.

Em nossos consultórios devemos também pensar a respeito de como receber nossos pacientes a partir da singularidade de cada um. E aqui trago outro caso. Benjamim foi um paciente que eu atendi como AT. ele tinha um comprometimento neurológico e apesar disso tinha aprendido muitas coisas, sabia ler e escrever (com dificuldade) e se orientava muito bem espacialmente.

Seus pais me procuraram, pois ele tinha muito medo de sair na rua, só gostava de ficar no quarto e conversar com um dos empregados de sua casa. Sentiam-no muito fechado e dentro do “seu próprio mundo”.

Benjamim não conseguia olhar no rosto das pessoas que não conhecia bem.

Logo nos primeiros atendimentos, conversou comigo durante todo tempo olhando para o outro lado. Seu modo de não me falar nada era falar, falar, falar... E eu atentamente fiquei escutando, escutando, escutando...

Encontramo-nos durante meses deste mesmo modo. Benjamim fazia uma enorme ginástica para não olhar para mim, quando íamos de uma sala para outra,

ele ia olhando para a parede oposta a mim. Houve alguns encontros que Benjamim ficava em pé com o rosto colado na parte.

Até que teve um dia Benjamim me olhou de soslaio... Muitos encontros se passaram, e ele vez ou outra me olhava de soslaio...

Teve um dia que Benjamim olhou para mim. Tomei um susto e compreendi que quando ele olhava, olhava de verdade!

Faz parte da nossa boa educação olhar no rosto de todas as pessoas com quem conversamos. Este modo está tão assentado em nosso dia-a-dia que muitas vezes aprendemos a olhar para o rosto das pessoas sem nada ver, como se estivéssemos olhando um objeto. O rosto humano passa a ser uma máscara social. Não olho mais para a pessoa que está sentada ao meu lado em uma sala de aula, mas para a função “colega de classe”, quase igual a uma cadeira. Quantas vezes percebemos que nossos pacientes olham para a nossa “máscara” psicólogo.

Realmente é muito difícil ficar o dia inteiro olhando para o rosto-humano de todos que passam, acho que seria insuportável, e faz parte do achatamento do dia-dia olharmos para máscaras sociais. O problema é que nossa sociedade está se esquecendo que também existem rostos, estamos olhando somente para máscaras sociais. Mais uma faceta originária do ser humano marginalizada com tanto progresso e multidões.

Certa vez uma paciente chegou em meu consultório com um grande curativo no rosto, mas sua tristeza parecia maior do que o curativo. Perguntei o que tinha acontecido e ela respondeu:

- Lembra que eu ia ao dermatologista?

-Sim.

-Ele não gostou desta minha pinta e quis coletar material para fazer uma biópsia.

-Nossa...

-Você acredita que eu fiquei a semana inteira com este curativo enorme no rosto e meu marido não notou?

Além de contar com a possibilidade de estar com algo grave na pele, naquela semana ela percebeu que seu marido estava há anos sem olhar no seu rosto. Sua tristeza vinha daí: se nem seu marido olhava no seu rosto, quem haveria de olhar?

Benjamim não consegue fazer tamanha abstração, quando ele olha, é pra valer, ele afeta e é afetado pelo encontro de dois olhares. Se não for para ver, prefere olhar para o outro lado. Muitos cobram mais educação por parte de Benjamim. Acho que poderíamos também aprender com ele a olhar de verdade.

Neste mesmo dia, ao me despedir dele estendi a mão, Benjamim fez um: “ahhhhhh!!!!”. Deixou-me com a mão esticada e saiu andando como quem diz: “aí já tá querendo demais.....”. Ainda bem que Benjamim é esperto, e soube de defender, com bom humor, da minha pressa.

Benjamim teve grande dificuldade para aceitar um AT. Logo no primeiro encontro com os pais, eles falaram, meio desanimados, que iriam tentar novamente, mas que todos os outros não tinham conseguido. Ele recebia uma ou duas vezes e depois se trancava no quarto, recusando-se a recebê-los. A mãe disse que estava cansada de “fazer sala” para eles.

Combino com os pais que não era preciso fazer sala para mim, caso Benjamim não me recebesse, eu ficaria esperando sozinha, afinal eu não era uma visita. Após esta minha fala, a mãe olhou para mim com cara de alívio.

Como contei acima Benjamim me recebeu todas às vezes, quando cansava de mim, antes do fim do nosso encontro, me acompanhava até a porta e me dava tchau, eu pegava as minhas coisas e ia embora.

Os gestos dele foram surgindo espontaneamente, o olhar e o contar algo de sua vida que o estivesse incomodando. Ele era desconfiado e não se entregava facilmente, acho que o mais importante neste acompanhamento foi ter a paciência necessária para que ele chegasse até mim, sem apressar sua caminhada.

O modo de ser de Benjamim nunca foi interpretado, nunca perguntei para ele se ele tinha medo de mim, da minha presença. Nunca pedi para ele olhar no meu rosto. Simplesmente esperei-o chegar. Esperando-o chegar corri o risco de Benjamim se recusar a chegar. Não tinha nenhuma técnica de encontro que

forçasse necessariamente o encontro dele comigo. Mas compreendi seu idioma, escutei-o a partir de seu idioma pessoal, de um certo modo Benjamim chegou a mim pois sentiu que seu modo de ser podia ser acolhido por mim.

Ao nos encontrar com nossos pacientes, a partir do idioma pessoal deles, aumentamos a chance deles chegarem até nós, mas nunca poderemos dizer que eles necessariamente o farão. Habitamos lado a lado com o risco. Caso eles cheguem, nos arriscamos ainda mais, somos afetados por esta experiência que é o encontro de duas pessoas.

O poeta habita no risco, na medida em que escuta o apelo da linguagem. Ao habitar no apelo da linguagem, sofre uma experiência com a linguagem. A postura terapêutica assentada na postura poética também habita no risco, também sofre a experiência do encontro ou do não encontro. Parece que poetas e terapeutas devem ocupar o mesmo ethos, a mesma morada. Mas e os homens? Qual é a morada de todos homens?

No segundo capítulo dissemos que o homem, enquanto ente que pergunta pelo ser, habita no aberto do mundo. Heidegger e Winnicott ficaram muito próximos ao dizer do lugar do humano como jogo e brincadeira. Neste lugar o gesto poético é possível, e vinculamos a chamada “realidade externa” aos sonhos.

A partir do terceiro capítulo, dissemos que o homem, enquanto ente que pergunta pelo ser é habitante da linguagem. Como habitante da linguagem sofre uma experiência com a linguagem como fonte e borda do ser. O poeta é aquele que faz esta experiência. Mas então poeticamente habita o homem? No segundo capítulo havíamos dito que o todo homem carrega um filósofo dentro de si. Agora estamos dizendo que carrega também um poeta?! Chegamos assim a mais um tema fundamental.

3.5)Poeticamente o homem habita

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doçura delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...

E se riu.

Você não é de bugre?- ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas-

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática. (2001,p.87)⁷⁵

Neste poema Manoel conta de seu gosto esquisito pela “doença” das frases, a beleza está na sua doença. O poeta está atento para a nossa era, e usa a imagem “doença” das frases, pois sabe que, na nossa atual mania de representação, a doença da frase é quando seu significado aparente escapole e outro rompe. Doença é tudo o que foge ao controle. Prosseguindo o poema, ele afirma ser de bugre, diz não andar em estradas, só pegar atalhos e nestes encontrar surpresas e ariticuns maduros.

O caminho de Manoel é o mesmo do de Drummond, que aceita o poema. Ambos não andam por estradas, gostam de pegar atalhos e exatamente por isso se deparam com o inesperado.

⁷⁵ Barros, M. “Mundo Pequeno”, *Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Heidegger sabe que para se encontrar com a essência originária da linguagem é preciso andar por atalhos, o filósofo também é bugre que não anda por estradas, entra fundo nas densas florestas negras sem saber o que vai encontrar.

A linguagem, pelo menos no seu âmbito poético, reserva espaço para o mistério e o inesperado. A poesia assim é verdadeira, naquele sentido que dizemos da verdade como *alethéia*. Ela desvela o ente, ao mesmo tempo que o vela. A poesia “poeta” pois deixa acontecer o advento da verdade do ente enquanto tal.

O homem fala e participa da linguagem na medida em que escuta seu apelo. A linguagem tem mesmo sua origem no silenciar. O falar dos mortais deve antes de tudo silenciar e escutar. Os mortais moram na linguagem e escutam a fala da linguagem, que há muito os precede.

Penetrar na escuta da linguagem nos leva a penetrar na morada dos homens, uma vez que qualquer experiência que façamos com a linguagem toca na articulação mais íntima de nossa presença: “O dizer dos mortais é uma resposta. Toda palavra já é resposta: é um contra-dizer, um vir ao encontro, um dizer que escuta.” (HEIDDEGER, 2004,p.209)⁷⁶

Escutar o apelo da linguagem é estar aberto, num silenciar, ao que a linguagem fala. Ao fazermos uma experiência da linguagem como linguagem, o pensamento encontra a vizinhança da poesia. Ambos movimentam-se no elemento do dizer. Buscar a vizinhança de pensamento e poesia é o que se impõe quando preparamos a possibilidade de uma experiência pensante com a linguagem.

A linguagem como linguagem é poética, é a casa do ser. Na escuta da linguagem moramos aberto frente ao mundo que vem nos desvelar e que ao se desvelar se encobre. Assim a linguagem é o lugar privilegiado de manifestação do ser. O homem participa da linguagem na medida em que a escuta e desvela os entes para a aparição. O poeta é aquele que nomeia o ente que é, o poeta está no mundo, ele mora na linguagem e escuta aquilo que é.

⁷⁶ Heidegger, M. “O caminho para a linguagem”, tradução Marcia Sá Cavalcante Schucack, *Caminho da Linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco, 2003.

Mas e a linguagem cotidiana? A linguagem é sempre poética? Sabemos que no cotidiano andamos por estradas nas quais temos a ilusão de segurança, não gostamos de atalhos e estamos muito pouco abertos para encontrar surpresas e arituncs maduros. Mas é preciso olhar atentamente para o que é uma estrada segura. Esta que é conhecida, construída e muito percorrida já foi originariamente um atalho no qual poderíamos encontrar surpresas. O poeta não gosta delas, prefere os riscos e as surpresas. O homem atual gosta tanto delas que até esquece que algum dia já foram atalhos.

A linguagem cotidiana só pode sê-la porque originariamente ela é poética. Não dizemos que a poesia é um modo mais elevado da linguagem cotidiana. Dizemos que é a fala cotidiana que consiste num poema desgastado e esquecido, numa estrada que já foi atalho.

O poeta vive no risco da linguagem. O homem só pode querer habitar fora do risco da linguagem porque originariamente habita no risco da linguagem, na escuta do aberto do mundo. Então podemos dizer que originariamente a morada do homem na terra é poética.

Heidegger (2002)⁷⁷ afirma, entretanto, que nosso habitar se encontra sufocado pela crise habitacional, não queremos mais atalhos e desvios, apenas estradas seguras e construídas.

A poesia nesta era ou é negada como coisa do passado, ou é tida como fuga para o irreal. Na melhor das hipóteses é colocada como objeto da literatura, pura distração.

⁷⁷Heidegger, M. “...Poeticamente o homem habita...”, tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco, 2002.

Certa vez, numa aula de Filosofia da Arte, o professor disse algo muito interessante a respeito do livro “A República” de Platão. Ele afirmou que Platão⁷⁸, ao expulsar a poesia da cidade, criou um lugar nobre para a poesia. Assim foi, sem querer, o fundador da estética. Concordo com o professor que ao expulsar a poesia do cotidiano o filósofo criou um lugar só para ela, acho porém que antes de ser um lugar nobre é um lugar marginal, à margem do cotidiano.

Ao longo desta minha caminhada, para escrever este mestrado, pude perceber bem o lugar da poesia em nosso pensamento atual. Tive que apresentar algumas vezes meu trabalho na universidade e isto sempre me causava imensa angústia.

Primeiro porque eu não sabia muito bem o que eu estava estudando, a postura dos poetas frente ao mundo me dizia da condição humana, mas não sabia explicar passo a passo o que estava pensando. E segundo porque muitas perguntas eram feitas ao longo das minhas apresentações e a indignação tomava conta de alguns dos meus colegas.

Algumas das objeções ficaram em minhas lembranças e apesar de eu não ter respondido corretamente a nenhuma delas, elas me mostraram o lugar do poético na universidade.

Um colega me perguntou como eu me utilizaria das poesias ao longo das sessões. Diria coisas bonitas para os pacientes? Utilizar-me-ia apenas de poesias concretas? Mais tarde em minha casa, suas perguntas ressoaram em meus pensamentos. A poesia para ele era um objeto de literatura a ser utilizado, como uma técnica de encontro. Algo belo que diz coisas belas e que vem da criatividade de um grande gênio, não era tida como uma postura. Refleti também o que ele quis

⁷⁸ É válido, também, pensar nestas belas palavras de Adélia Prado:

“Toda vida resisti a Platão, a seus ombros largos,

à sua república aleijada, donde exilou os poetas.

Contudo, erros de tradução são ordinários,

eu não sei grego,

eu não comi com ele um saco de sal”- Uns outros nomes de poesia in Terra de Santa Cruz.

dizer com poesias concretas...algo como um círculo redondo...quais não seriam as poesias concretas?????

Uma outra moça disse que meu tema era muito bonito, mas que era preciso tomar cuidado afinal éramos psicólogos e tínhamos uma responsabilidade perante a sociedade. Ligar o poético ao terapêutico para ela soaria como uma apologia à loucura, a total falta de organização e controle.

No caso da moça, a arte dos poetas consiste em desconsiderar o real. Como se o que eles fizessem fosse apenas fantasiar e morassem num mundo perigoso e alucinatório- os psicólogos sendo os responsáveis por trazê-los de volta. A poesia não revela a verdade, revela o irreal. A moça, porém, intuiu algo que é verdadeiro na poética: o risco.

Heidegger(2002)⁷⁹ afirma que o homem contemporâneo já não conhece e nem domina a sua própria mortalidade, com a mania de construção, ele tapa voluntaria e completamente o caminho para o aberto. O homem não gosta mais do lugar de escuta que celebra o aparecimento dos entes. Quer criar os entes. O homem passou a andar apenas por estradas bem construídas.

Mas os poetas gostam de aritícuns maduros e se arriscam nos atalhos, andam como mortais lado a lado com o risco. Ao andar como mortais, não se esquecem dos deuses: “A essas coisas. Sorte. Quem souber o que é a sorte, sabe o que é Deus, sabe o que é tudo.” (ROSA, 2006, p.643)⁸⁰

Nessa imagem Guimarães Rosa coloca deus como sorte e mostra o risco deste caminho sem tentativa de controle, afinal a sorte pode aparecer ou não aparecer. O risco é ir caminhando sabendo que na maioria das vezes nosso destino é decidido pela sorte mesmo.

Mas viver ao léu, completamente jogado ao acaso, não é absolutamente desesperador? Em nossa era parece que é, forçamos o instante pirilampo a ficar aceso eternamente.

⁷⁹ Heidegger, M. “Para quê poetas?”, tradução de Bernhard Sylla e Vitor Moura. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

⁸⁰ Rosa, J. G. “Buriti”, *Corpo de Baile*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2006.

Heidegger(1969)⁸¹, ao desenvolver a questão do nada , aproxima-o da angústia, esta experiência fundamental pode legitimá-lo. Antes, porém, tem o cuidado de diferenciar a angústia do temor e do medo. Estes são retidos por aquilo que nos amedronta. A angústia é radicalmente diferente desses humores com endereço :“A angústia não deixa mais surgir uma tal confusão. Muito antes, perpassa-a uma estranha tranqüilidade.” (ibid, p.31)

Como vimos no capítulo anterior, o homem é aquele ente junto aos outros e às coisas, e que, portanto está entregue aos entes, totalmente permeado e afinado por eles. Jogado no mundo ele precisa, a partir de sua dinâmica existencial, construir um apoio. Suas escolhas podem ou não conferir sentido e apoio para a sua caminhada. E aqui trago um poema meu:

Esses dias me peguei pensando que o destino toma conta da minha vida melhor que eu.

Eu com minha mania de segurança, ainda não aprendi a bailar, ando sempre corretamente, passo a passo, na ilusão de assim não cair.

O destino zomba de mim e me derruba, às vezes para um lugar melhor, às vezes não.

Minha “vovozinha”, que é muito otimista, sempre diz “que tudo vem para o bem”.

Não sou otimista como a “vovozinha”, mas confesso que os tombos me levaram a lugares nunca antes imaginados.

Hoje até ensaio uns passinhos, quem sabe na maturidade não aprenda a bailar?

Ser jovem é difícil, vivemos como se nossas vidas dependessem do alicerce seguro que estamos construindo.

Alicerce que horas vira um telhado pesado a ser carregado que não nos permite sair do lugar. Seguros, ficamos segurados.

Ainda bem que o destino não aceita nossos planos e nos derruba, se não caímos num lugar melhor, pelo menos aprendemos um novo passo da dança.

⁸¹ Heidegger, M. *Que é Metafísica?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

Com esse poema quis mostrar como é difícil essa tarefa de dar conta de nossas vidas e construir um apoio que nos permita andar, mas que no final das contas pode ser apenas uma ilusão de apoio, uma vez que caminhamos mesmo é no abismo.

Nesse poema também quero mostrar a serenidade de minha avó, conquista de alguém que depois de viver muitos anos compreendeu o caráter abismal do mundo e desta forma não se angustia mais, afinal *“tudo vem para o bem”*.

Acho que esta conquista veio para a minha avó via maturidade, assim ela é capaz de olhar para o abismo do mundo, compreende que de fato o mundo é abismal e só nos resta andar. É esta experiência que remete à angustia existencial.

Minha avó intuiu algo que é essencial para nós mortais que caminhamos com a sorte ao nosso redor. Ao dizer “que tudo vem para o bem”, minha avó, na sua maturidade, coloca-se fora de perigo. Ela tem a consciência plena de que, em última instância, não toma conta da própria vida. Ela sabe do lugar que ocupa na Terra e esse lugar não lhe dá absoluto desespero, ao contrário, lhe dá paz e tranquilidade.

Heidegger (2002)⁸² diz que os poetas são os que arriscam mais, pois habitam no aberto e deixam que as coisas venham. Nada produzem, apenas recebem o que se dá. Neste local de total desamparo o homem é errante e desiste de qualquer relação de proteção e desproteção, ao se arriscar mais do que os outros, o poeta caminha fora do risco. Pessanha⁸³ tem uma bonita passagem em seu livro na qual descreve o garoto poético e o garoto cientista:

Ao invés da maçã brotar, e eu, humildemente colhê-la, eu a produzo, eu a faço no laboratório. O sonho de um amigo explica isso muito bem. Ele sonhou com dois garotos almoçando. O garoto poético e o garoto científico. Tudo que chegava na mesa do garoto poético ele olhava, agradecia e comia; eram as dádivas da terra. Dizia poemas para as coisas. O garoto científico observava cada alimento e começava a esquadrihá-los dizendo: “Vou fazer i-gual-zi-nho, vou pro-du-zirr isso aqui. (2009, p.84)

⁸² Heidegger, M. “Para quê poetas?”, tradução de Bernhard Sylla e Vitor Moura. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

⁸³ Pessanha, J. *Instabilidade Perpétua*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2009

O garoto poético se arrisca mais ao agradecer a maçã como dádiva da terra, uma vez que a maçã pode brotar como pode não brotar. O garoto científico, ao criar a maçã tenta caminhar fora do risco da maçã não aparecer, quer a segurança de ter sempre maçãs na mesa, quer ocupar o lugar de deus.

O garoto poético conta com a sorte. O garoto poético conta também com deus. Sabe do seu lugar na terra. É para isso que o poeta acena quando diz que quem souber o que é sorte sabe o que é deus. Ele diz do lugar que nós, os mortais, ocupamos na terra. E ao dizer isto, nos conta também o lugar dos deuses.

O garoto cientista não conta com a sorte, não conta com deus, quer ocupar o seu lugar. Nós homens, ao tentar ocupar o lugar de deus, abrimos mão dos deuses, achamos que eles eram prescindíveis e ficamos absolutamente desamparados. Guimarães⁸⁴ intui a questão da nossa época ao dizer:

Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar- é todos contra o acaso. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma!(2001, p.76)

O poeta nos descreve mortais desamparados, sem deus ficamos todos contra o acaso, uma vida burra de vai e vem. Guimarães aponta para o habitar dos mortais que levanta os olhos para o céu e mede sua morada aqui na terra, um habitar com deus nos dá licença para descuidar um pouquinho já que no fim dá certo. Com deus ficamos mais amparados dentro do nosso desamparo.

Heidegger afirma que o habitar é originariamente humano neste medir-se. O divino é a medida com a qual o homem confere medida ao seu habitar, a sua morada e demora sobre a terra. O levantamento desta medida constitui o poético do habitar: “Ditar poeticamente é medir” (2002, p.173)⁸⁵

⁸⁴ Rosa, J. G. *Grandes Sertões: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

⁸⁵ Heidegger, M. “...Poeticamente o homem habita...”, tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco, 2002.

O homem habita poeticamente a terra na medida em que se mede com o divino e não tenta colocar-se no seu lugar como aquele que tudo pode e tudo tem controle. Ao não tentar colocar-se no lugar de deus, o homem conhece o seu tamanho. Mas que é deus? Que medida é essa? Deus não é aquilo que o homem conhece e desvenda. Deus é a medida enquanto o desconhecido, ou nas palavras de Guimarães, “*quem sabe o que é sorte, sabe o que é Deus*”.

Colocar-se no lugar de mortais, olhando para o céu e, portanto, para o desconhecido, pode ser uma medida bastante desconfortável para a facilidade de tudo compreender, que nossa era tanto almeja. Não somos mais garotos poetas, somos garotos cientistas. Queremos o poder de controlar para fugir do desamparo e assim ficamos ainda mais desamparados.

Heidegger (2002)⁸⁶ afirma que moramos numa era indigente na qual os deuses estão foragidos. O homem já não conhece mais sua mortalidade e quer habitar o lugar de deus. Já não colhe mais a maçã que brota da árvore, antes disto quer fabricá-la no laboratório. Impõe-se assim contra o mundo e quer, a todo custo, dominá-lo. As coisas que antes nos afetavam viram objetos descartáveis de uso. Até as pessoas viram objetos ou, melhor dizendo, consumidores de objeto.

Ao não habitar mais a sua essência o homem adoece. Para Heidegger este é o destino da nossa era. Não adianta a volta dos deuses, que outrora habitaram a terra, enquanto os mortais não voltarem a habitar a sua própria essência. A poesia toma a medida em favor do habitar humano. Os poetas sabem que habitar é medir-se com o divino:

“Ser poeta em tempo indigente significa: cantar, tendo em atenção o vestígio dos deuses foragidos. É por isso que, no tempo da noite do mundo, o poeta diz o sagrado.”(ibid, p.312)

Os poetas cantam os vestígios dos deuses foragidos para nós mortais que esquecemos nossa mortalidade. Os poetas habitam a mortalidade na medida em que habitam no risco da linguagem e assim demoram no âmbito essencial da dicção poética.

⁸⁶ Heidegger, M. “Para quê poetas?”, tradução de Bernhard Sylla e Vitor Moura. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

Com os deuses foragidos, o mundo ficou sem um fundamento e assim pairamos sobre o abismo. O fundo é o solo de um enraizar-se e de um erguer-se. A era do mundo que carece de fundamento, encontra-se suspensa no abismo:

“Quem dos mortais, primeiro e de uma forma diversa, tiver de chegar ao abismo, experimentará os sinais que o abismo anotou. Estes constituem, para o poeta, os vestígios dos deuses foragidos.” (ibid, p.311)

O poeta sabe da nossa condição de desamparo, habita o abismo e anota os sinais dos deuses foragidos. Canta para nós mortais seus vestígios. Ao habitar o abismo o poeta, coloca-se fora do risco, sabe da sua condição de mortal. Só a partir do canto deles poderemos voltar a habitar nossa essência.

A questão da nossa era como um tempo indigente me tocou e assim me propus a escrever esta dissertação como um pequenino ato de resistência. Com muita tristeza reconheci a indigência de nosso tempo no consultório. Muitos pacientes já não encontram mais lugar neste mundo. Outros sentem-se fortes e imbatíveis, pois dominam qualquer sentimento humano, mas no íntimo percebem que suas vivências são dominadas e sem gosto.

Com mais tristeza ainda reconheci a indigência de nosso tempo na escola que reflete o quanto nossa cultura como um todo está adoecida. Não era um problema específico do lugar em que eu trabalhava mas da “educação” como um todo. Mas existe esperança nesses tempos sombrios e resistir é possível.

Ao longo da minha caminhada pela psicologia clínica, sempre recebi algumas críticas e indagações a respeito da minha prática. As frases freqüentes eram: “*A psicologia clínica enfoca apenas o indivíduo isolado e não o seu contexto social, não é uma ação social.*”

Esta crítica está embasada na noção de psicologia clínica que enfoca o ser humano como sujeito e pensa-o isolado de seu mundo. A chamada psicologia social, por outro lado, enfoca-o como papel social e assim “reinsere” o homem no mundo, e se diz, diferentemente da psicologia clínica, uma ação política. Assim as pesquisas nessa área, são antes tipos de intervenções, que visam modificação da realidade social.

A partir do que pensamos até agora, o homem como habitante do aberto (ou como diria Winnicott, da terceira área), parece que deslocamos o âmbito da questão do que seria uma ação política. Será que esta discussão ainda tem lugar quando passamos do pensamento metafísico para a ontologia?

Já fiz, o que poderíamos chamar de crítica política, ao afirmar que nossa era está adoecida e que o humano encontra pouco lugar. Afirmei também ser minha dissertação um pequenino ato de resistência que aponta para a volta da medida humana não só na psicologia, mas na sociedade como um todo.

Heidegger⁸⁷ afirma (1973) que a Ética, que fixa regras para o comportamento, nasce e tem as mesmas raízes da Metafísica, da Lógica, e da Técnica. Logo, as atuais perspectivas políticas, econômicas, sociológicas, técnicas e científicas também estão enraizadas na metafísica e tiram o homem de sua morada. Desta maneira, não bastam para pensar o que nossa era é. É preciso um pensamento que olhe para o fundamento de todas essas perspectivas.

Antes de pensar se nossa prática é política ou não, é preciso pensar o que é política atualmente. Por estar embasada na metafísica, o pensamento que se diz político reproduz o esquecimento da nossa era. Mais do que ser uma ação política, a postura poética é um ato de resistência às características atuais da nossa era.

Segundo Heidegger, o homem só pode encontrar orientação para as suas ações na medida em que habita a clareira do ser: “O homem não é o senhor do ente. O homem é o pastor do ser.”(ibid, p.361)

Pensar o lugar do humano, enquanto aquele que cuida da verdade do ser e não como aquele que constrói o ente, é tirar um pouco do “poder” que o homem contemporâneo pensa ter em suas mãos. Uma vez que um pastor é essencialmente “pobre”, sua dignidade não é construir nada, reside no fato de ter sido chamado pelo próprio ser para guardar sua verdade, como habitante da linguagem. Poeticamente o homem habita.

⁸⁷ Heidegger, M. “Sobre o ‘Humanismo’”, tradução e notas de Ernildo Stein, *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

A metafísica transformou o lugar do poético como fuga para o irreal, assim a poesia ou encontra pouco acolhimento, ou é deslocada de seu âmbito originário, colocada como objeto de literatura, confete de signos. Algo bonitinho feito por angustiados para distrair os entediados. As chamadas ações políticas muitas vezes visam que todos tenham acesso à cultura, e assim passem a “consumir” poesia, reproduzem o esquecimento de nossa era.

Por isso, gosto de afirmar que mais que uma ação política, a postura terapêutica assentada na postura poética é um ato de resistência às características indigentes de nossa era.

Passemos agora para o quarto capítulo que vai discutir os modos de ser característicos de nossa era, e as possíveis intervenções.

CAPÍTULO 4: MODOS DE SER CARACTERÍSTICOS DA NOSSA ERA E POSSÍVEIS INTERVENÇÕES.

Safra (2006)⁸⁸, longe de querer catalogar os modos de ser de cada um, afirma que na atualidade existem três grandes diferentes modos de ser do homem. Estas são referências para compreendermos nossos pacientes, levando em conta os fundamentos ontológicos. O autor também fornece referências de como devemos atuar com cada um deles, mas afirma ser fundamental que nossa prática esteja assentada fundamentalmente sobre a compreensão e o acolhimento da singularidade de cada um que nos procura.

4.1) Bidimensionais.

Os bidimensionais são pessoas que vivem reduzidas à mera imagem estética, como se não tivessem uma interioridade. Achatados no cotidiano, o registro ontológico já não ressoa mais. Atualmente, é muito comum encontrar pessoas que vivem este modo de ser. Arriscaria até dizer que corresponde ao modo patológico característico da nossa era.

Certa vez atendi um paciente que sentia que a sua vida era uma cena de teatro na qual ele era o diretor. Ele afirmava que quando dormia e sonhava, tinha a sensação de construir seus sonhos, item por item e quando não estava mais gostando do sonho, simplesmente acordava. Um dia ele chegou ao consultório contando que havia brigado com o namorado. Uma frase que ele falou chamou muita atenção:

-O mais surpreendente durante a briga é que em certo momento eu senti um frio na barriga, como se fosse uma queda, aquele frio na barriga que você sente quando está na descida de uma montanha russa. Junto como esse frio na barriga veio o seguinte pensamento: esta briga está acontecendo comigo, sou eu que estou aqui brigando, e isto é real.

⁸⁸ Safra, G. *A Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

O que ele contava era como estava surpreso em perceber que ele poderia participar da sua vida, não apenas como um diretor. Para Safra, muitas vezes, a única chance destas pessoas é acontecer alguma experiência que as tire deste lugar achatado, e a partir do sofrimento virem a alcançar alguma interioridade, e assim tornarem-se tridimensionais. Enquanto há sofrimento há esperança. Muitas vezes essas pessoas são diagnosticadas com um 'episódio' de depressão e são medicadas. Algumas famílias relatam que depois que um de seus membros começou a terapia "só piorou" e anda calado e triste pelos cantos.

A maior parte das pessoas que estão assentadas neste modo de ser, aparentemente é imune ao sofrimento e procura terapia quando começa a ter um pressentimento de mal estar⁸⁹.

Mas, na minha opinião, é impossível viver totalmente assentada na mera imagem social. A vida cobra inevitavelmente um sentido e uma presença. Resta, ao terapeuta, muitas vezes procurá-la. Atendi uma mulher que trabalhava muito, algo em torno de 16 horas por dia, todos os dias. Ela parecia uma máquina de trabalho, estava "imune" a todo tipo de sofrimento. Eu não conseguia ver nada próximo a uma presença humana no seu modo de ser. Sua queixa eram dores de cabeça terríveis. Nenhum analgésico mais fazia efeito. Pois então havia uma esperança! Ela ainda tinha uma cabeça que doía!

4.2)Tridimensionais.

Os tridimensionais são pessoas que tem um modo de ser que se enraíza em sua interioridade. A maior parte das pessoas vive deste modo, e em determinado momento são atravessadas por questões ontológicas, mas depois voltam à vida habitual cotidiana, ou como o abismal Guimarães Rosa⁹⁰ diz: "Enfim, a onda passou, restabelece-se o ar normal em torno, a santa, confortável, inestimável e macia monotonia." (2003, p.124)

⁸⁹ Algumas procuram apenas por status. É "in estar na terapia e se conhecer profundamente".

⁹⁰ Rosa, J.G. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)*. Belo Horizonte: Ed da UFMG, 2003.

Será importante ajudá-las a transitar pela vida. Algumas vezes algum fato pode paralisar seu devir, a companhia do terapeuta ou de outra pessoa é fundamental para elas poderem continuar sua peregrinação.

4.3) Abismais e espectrais.

Os abismais são pessoas profundamente lúcidas e continuamente conscientes em relação ao registro ontológico da condição humana. Eu arriscaria dizer que são os poetas que habitam o abismo e cantam os vestígios dos deuses foragidos. Os abismais são a esperança de cura da nossa era. Podemos dizer que eles nasceram fora do tempo certo, uma vez que a nossa cultura pode tratar esta consciência do originário como loucura e por compreenderem que nossa era perdeu o fundamento, eles moram na falta de fundamento, no abismo. Um abismal que jamais teve um encontro com o outro vira um espectral.

Acho importante trazer uma vinheta clínica de um caso que infelizmente teve final trágico. Quando Flávia me procurou ela sofria imensamente e sua vida estava um caos. Ela havia se desorganizado imensamente. Eu a atendi na condição de acompanhante terapêutica, e, assim seus atendimentos eram feitos em casa.

Sua mãe foi abandonada enquanto estava grávida dela e logo quando Flávia tinha uns três anos, casou-se de novo com um japonês. Segundo ela, seu inferno começou aí, pois seu novo “pai” a tratava muito mal, batia, xingava e humilhava. Seu pai biológico também se casou com uma japonesa. Todos os irmãos de Flávia eram mestiços, mas seu pai biológico era de origem judaica. Certo dia cheguei na casa dela, e encontrei-a chorando muito, que olhou para mim e disse:

-Eu não existo! Eu não existo! Eu não existo! Você acha que eu sou louca quando te digo isto?!

-Não.- respondi.

-Minha mãe acha que eu sou louca quando eu digo isto para ela. Responde para mim que eu existo sim. Mas eu não existo! Esses dias fui à casa da minha mãe. Lá tinha um porta-retrato com a seguinte fotografia: meu padrasto, minha mãe e meus dois irmãos. Eu não estava lá, porque eu não existo. Meu pai casou-se também com uma japonesa. Só tenho irmãos japoneses. E minha mãe queria que eu casasse

com um japonês, pra que? Para completar a minha desgraça? Para ter filhos japoneses e continuar não existindo?

Flávia tinha profunda consciência de sua situação, sabia na pele que um ser humano sem um lugar é um ser humano que vive como inexistente, vive à margem do mundo. Pessoas que foram acordadas precocemente para a dimensão ontológica, dependendo das condições que lhe estão disponíveis (e nossa era fornece pouquíssimas condições) alcançam ou uma forma de genialidade ou enlouquecem. Flávia enlouqueceu: “Embora tenha profunda lucidez a respeito da condição humana é uma pessoa profundamente solitária, o que lhe dá a experiência de estar fora do mundo humano.” (SAFRA, 2006,p.61)⁹¹

Ao dizer que não existia, Flávia se sentia um espectro, um fantasma do mundo. Assim ela não conseguia se destinar, mas intuía que sabia algo da condição humana que muitos ignoravam. Chegava a afirmar que sofria por saber demais:

-Sabe, acho que eu sei coisas que a maioria das pessoas não sabem. Acho que é por isso que eu soffro, se eu soubesse menos, talvez não soffresse tanto.

Safra afirma que, do ponto de vista do trabalho clínico, um paciente espectral demanda que o terapeuta seja testemunha e jamais cabe uma interpretação. Ao testemunhar e sustentar o que um paciente espectral diz, o terapeuta dá a chance deste vir a ter um lugar e a partir de sua lucidez projetar um destino.

O registro ontológico, diz respeito a vivências pré-existentes e fundantes, e diferentemente do registro ôntico, estão fora do espaço e do tempo de uma biografia. Logo essas vivências são vividas como eternas, o que é dilacerador para quem é visitado por elas o tempo inteiro. O terapeuta, ao testemunhar a vivência de um espectral, e não tratá-la como loucura, coloca esta experiência no tempo e no espaço, assim já não é mais vivida como eterna, o “enquadre” permite que esta escuta do ontológico possa ser colocada em devir.

⁹¹ Safra, G. *A Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

Ao conseguir colocar sua escuta do sagrado em devir, um espectral vira um abismal. Como havia dito acima, estes são os poetas de nossos tempos, eles carregam a esperança de cura da nossa era, pois contam do sagrado, da condição humana neste medir-se com deus, para nossa era técnica. A partir disto, tem a chance de se vocacionar. E aqui trago um trecho profundo:

No fundo, ninguém quer saber da notícia que eu divulgo e que carrego. Num mundo pavimentado não se quer escutar ouvir falar de buraco e de rachaduras! Mas eu divulguei a notícia com tamanho ardor que eles acabaram por incluir-me em sua comunidade. Para isto inventaram até uma nova profissão: 'anunciador de buracos' e escritor. (PESSANHA, 2009,p.46)⁹²

O destino de Flávia não foi feliz, não deu tempo e ela acabou sendo assassinada. Mas Flávia intuía o que ela precisava, sabia que sua salvação estava no testemunho de alguém, para que tivesse algum lugar neste mundo. Uma vez ela me disse:

- Se algum dia eu morrer, você pelo menos publica o meu caso. Assim minha vida terá valido para alguma coisa.

Junto com Flávia foi a possibilidade de lhe dar um lugar neste mundo tão adoecido. Ela tinha um saber muito precioso para a nossa era, ela cantava os vestígios dos deuses foragidos. Mas ela se foi e junto seu saber.

Servir de testemunha para que um espectral venha a ser um abismal, não é somente dar um lugar para eles. É a partir da escuta desta fala de resistência que nossa era pode vir a ser menos adoecida. Perder Flávia é perder esta pequena chance.

Ao comparar a postura terapêutica com a postura poética, surge o questionamento: como a postura poética pode ser terapêutica, se justamente os poetas são aqueles que, na maioria das vezes, não dão conta de sua própria vida e acabam adoecendo ou morrendo muito cedo?

⁹² Pessanha, J. *Instabilidade Perpétua*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2009

Como é possível dizer, como afirmei acima, que a esperança de cura de nossa era vem da voz de uma pessoa enlouquecida que não deu conta de sua própria vida e foi assassinada?!

Os abismais e os espectrais moram na mesma falta de solo, no abismo. Os primeiros conseguiram se destinar a partir da escuta do outro, os segundos não. No entanto, a linha que os separa é tênue e frágil. Muitos abismais, por mais que tenha conseguido se destinar, chegam em algum momento de suas vidas em que não encontram mais “ouvidos” e acabam enlouquecendo ou entristecendo, quase como se desistissem da vida. Da mesma forma que alguns espectrais encontram testemunha e se vocacionam. Sempre gosto de ler a bibliografia dos autores de meus livros preferidos e não raro eles morrem cedo ou vão parar em algum manicômio. Eles realmente não são deste mundo.

Mas seus escritos ficam e são atos de resistência. Não devem ser considerados meros confetes e devem ser a referência para este mundo tão adoecido que se esqueceu do humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As considerações finais cobram que tudo que foi dito até agora seja minimamente articulado com a proposta do trabalho de **aproximar a postura poética da postura terapêutica**. Sei, no entanto, que não forneci conceitos muito claros e articuláveis. A linguagem poética resiste a articulações.

Mas a linguagem poética leva a diferentes lugares, atalhos que nunca sabemos bem onde vão dar. Talvez o meu leitor esteja muito distante de mim.

Apesar de saber de todas essas condições, quero o meu leitor próximo, e para aqueles que pegaram outros caminhos e foram colher seus próprios arituncs maduros vou dar esta pausa. Quero agora, caro leitor, que você sente aqui ao meu lado e me escute.

Olharei para o trajeto até agora percorrido e explicitarei os princípios que, para mim, orientaram o trabalho do psicólogo na perspectiva poética. Será uma espécie de mapa que pode orientar o leitor.

Meu percurso como psicóloga, está mais para atalho do que para estrada segura. Entretanto, depois que um atalho é percorrido, é possível fazer um mapa dele, ainda que precário. A precariedade é fundamental, não quero fazer do meu caminho uma estrada segura e desgastada.

Um atalho pode levar a muitos lugares e se meu trabalho fosse puramente literário talvez pudesse deixá-lo assim, mas não é, quero com ele me comunicar com a academia, com psicólogos, leitores talvez mais sedentos de um mapa que mostre o que percorri.

Desde o primeiro ano da psicologia, a questão da **verdade** apareceu muito cara a mim. A partir do momento em que cada professor detinha uma diferente verdade, defendida a qualquer custo, comecei a me perguntar se realmente verdade como verificação do real contemplava a essência da verdade.

Foi a partir do acolhimento de um professor que comecei a compreender e percorrer meu próprio caminho. Achei uma morada para me instalar e continuar meus estudos. Justamente com o professor que não tinha nenhuma certeza e verdade a ser defendida. Percebi que esta sua postura, de não defender uma

certeza a todo custo, me deu a possibilidade de uma estadia. Comecei neste momento, a intuir que ele estava me ensinando algo muito precioso da postura que devemos ter diante de nossos pacientes.

Com um pé no saber e outro no não saber ele me acolheu. A verdade se desvelou para se velar logo em seguida. Via postura, este professor me ensinou um “conceito” heideggeriano: a verdade como desvelamento (alethéia).

Assim, **quando pensamos a postura terapêutica via postura poética, a questão da verdade passa do âmbito da lógica para a poética.** Não existe um modo correto, verdadeiro e fixo de estarmos diante de nossos pacientes, **não há espaço para uma técnica de encontro.** Também não existe um manual que diga o que cada comportamento dos nossos pacientes quer dizer, a que doença ele se refere. **A postura poética não abre mão do encontro com o inédito e singular, a verdade se dá a cada encontro e assim o terapeuta é necessariamente afetado.** O paciente ao revelar alguns aspectos encobre outros e nunca capturamos a totalidade de cada um.

O homem constrói sua história a cada passo. É um peregrino que pergunta pelo ser. Neste sentido somos todos filósofos, é condição ontológica filosofar. No entanto, o homem tem seu cotidiano afinado e permeado pelos entes. **Nosso caminhar acontece em dois registros diferentes: o registro ôntico e o registro ontológico. O trabalho do psicólogo na perspectiva poética está atento em qual destes dois registros a fala do paciente está.**

A história da filosofia enquanto metafísica não considera o registro ontológico, apenas pergunta pelo ente. A psicologia se desenvolveu enquanto ciência metafísica, logo tem esta mesma característica.

A partir deste modo de estar junto com nossos pacientes, que não tem uma técnica anterior de encontro e que leva em consideração o registro em que se dá a fala de cada um, podemos acompanhar nossos pacientes em sua peregrinação pela vida.

O homem apesar de ter que dar cada passo por conta própria, precisa de companhia para a caminhada, é só a partir da companhia do outro que desvelamos nossas potencialidades.

Assim o trabalho do psicólogo assentado na **postura poética é uma maneira de fazer companhia para que o outro possa desvelar suas próprias potencialidades. Mais do que fazer a análise de cada fato da vida passada dos nossos pacientes, ajudamos lado a lado, novas “sínteses” se desvelarem.**

Isto porque a condição humana é essencialmente **abertura**, o comportamento humano diante do mundo mais do que repetir uma história passada, visa um projeto. **A postura terapêutica aqui contemplada considera que a característica do tempo humano é fundamentalmente futura, apesar de carregarmos uma bagagem de história e tradições, nos lançamos no abismo para darmos conta de nossa caminhada.** Além de nos perguntarmos o **porquê** de determinado modo de ser de cada um de nossos pacientes, perguntamos também o seu **para quê**.

A postura terapêutica é um modo de estar junto com outra pessoa que possibilita o desvelar do gesto poético. Apesar de ser a postura por excelência dentro dos consultórios, **pode e deve ser a postura perante qualquer ser humano.** Assim, faz parte do nosso trabalho enquanto psicólogos, **orientar os cuidadores e as instituições que cuidam de pessoas, para tornar estes ambientes o mais acolhedores possível do gesto poético.**

O homem ao construir sua história brinca. O trabalho do psicólogo baseado na postura poética deve levar em consideração este fato essencial. A maneira do homem estar no mundo e fazer do mundo um mundo, é brincando. Logo o psicólogo deve também **ter a capacidade de brincar com seus pacientes, de se encontrar com cada um deles no aberto ou terceira área. Ao brincar, vinculamos o “mundo externo” aos nossos sonhos.**

Se o terapeuta não tem a capacidade de habitar este lugar, e assim brincar, é impossível para ele atender qualquer pessoa de maneira que contemple o ethos humano.

Ao brincar o homem está sozinho mas acompanhado. Na maior parte das vezes, não precisamos de alguém que efetivamente diga o que devemos e precisamos fazer, mas necessitamos do acolhimento de alguém ou da sociedade. Este paradoxo reflete a condição humana: o homem é sozinho acompanhado.

Assim a postura terapêutica deve acompanhar, mas não necessariamente instruir o que cada um deva fazer de sua vida. A pessoa que mais sabe de sua vida e seus sentidos é ela própria. Um gesto espontâneo parte da própria pessoa, dificilmente vem de uma instrução, no entanto, só tem sentido quando acolhido pelo outro.

Ao acompanharmos e acolhermos os gestos dos nossos pacientes, damos lugar para eles no mundo e sua caminhada é possível, deste modo a condição do homem como sozinho acompanhado é contemplada.

A companhia do outro acolhe as potencialidades, que antes estavam na sombra, e agora podem se desvelar. **Quando se aborda o ser humano a partir do referencial poético, é preciso compreender o conceito de inconsciente para além das vivências que algum dia foram vividas e depois reprimidas, considera-se também aquelas que estão na sombra, exatamente por nunca terem sido experimentadas.**

Assim o conceito de inconsciente deve abranger o não-consciente e o não-inconsciente. Logo, **mais do que analisar o que foi vivido e reprimido (e que pode estar impedindo a nossa peregrinação pela vida), fazemos companhia para nossos pacientes desvelarem o não vivido e não reprimido.**

Devemos sempre ter como **referencial básico de nossa atuação que a maior parte das potencialidades de um ser humano ficam a sombra ao longo da vida.** Existem também vivências que são da ordem do inconsciente. A condição humana não é passível de total desvelamento:

Em nossa civilização, que põe a mesma luz em toda parte, que instala eletricidade no porão, já não se vai ao porão de vela na mão. O inconsciente não se civiliza. Ele apanha a vela para descer ao porão. (BACHELARD, 2000, p.38)⁹³

⁹³ Bachelard, G. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Aceitar que a maioria de nossas potencialidades fica na sombra mesmo, ao longo de nossas vidas, é tirar o poder onipotente do homem que acha que tudo pode.

No entanto, é preciso realizar algumas delas para nossa peregrinação continuar. O homem, que brinca ao construir história, é um artista. Como artista que participa da linguagem, o homem é também um poeta. O homem fala e participa da linguagem na medida em que escuta o seu apelo, nunca na medida em que domina a linguagem

Só podemos acompanhar nossos pacientes porque somos todos habitantes da linguagem. Todos nós, **ao participarmos da linguagem, o fazemos de maneira própria, com nosso corpo e comunidade, a partir de um idioma pessoal que está assentado na linguagem (ontológica).**

O idioma pessoal é marcado por questões que atravessam cada um de nós desde o nascimento, e com essas referências interpretamos o mundo. O idioma pessoal, considera o discurso para além do registro representativo, contemplando também o registro apresentativo. Ao participarmos da linguagem de modo próprio, nosso modo de ser é desvelado.

Para nos encontrarmos com nossos pacientes segundo a perspectiva poética, é preciso que o encontro aconteça no registro do idioma pessoal. A partir disso, acolhemos o gesto de cada um de nossos pacientes, caso contrário sua fala corre o risco de cair no vazio.

Ao nos encontrarmos com nossos pacientes no registro do idioma pessoal aumentamos a chance de conseguirmos nos encontrar com cada um deles. No entanto, sabemos que o encontro pode não se dar. **O terapeuta, segundo a perspectiva poética, habita no risco do encontro e do não encontro. Caso o encontro se dê, nos arriscamos mais ainda ao sermos afetados por ele.**

O poeta habita no risco, na medida em que escuta o apelo da linguagem. Ao habitar no apelo da linguagem, sofre uma experiência com a linguagem. Poetas e terapeutas devem ocupar o mesmo ethos, a mesma morada.

A morada do homem na terra é originariamente poética. Se nos esquecermos enquanto filósofos, paramos também de escutar a linguagem, e nos esquecermos também enquanto poetas. Passamos a utilizar a linguagem como objetos mortos, a linguagem cotidiana virou uma poesia desgastada, que já nem ressoa mais.

O homem dos tempos atuais não é mais poeta, não é mais filósofo, esta fora de sua casa. Moramos numa era indigente. Adoecemos. Toda nossa terra está adoecida. O homem tapou o buraco do aberto do mundo e como um pequeno deus quer construir um mundo. Os deuses fugiram e desamparados ficamos. Sem os deuses e o divino perdemos o fundamento do mundo e estamos jogados no abismo. Os poetas vivem neste abismo e, a partir dele, podem cantar para nós os vestígios dos deuses foragidos, o sagrado.

Como desdobramento de uma postura terapêutica assentada na poética, podemos pensar os modos de ser característicos da nossa era que se esqueceu do sagrado e possíveis atuações. Estes referenciais são de profunda importância para pensarmos a clínica contemporânea. **Mas não devem nunca ser utilizados como manuais de conduta, são apenas referências que podem nortear nossos encontros que devem sempre estar abertos para o inédito.**

Em tempos indigentes, abrimos mão da escuta do ontológico e ficamos apenas com o registro ôntico. Ao fazermos isto, adoecemos. O modo característico de ser, que desvincula qualquer ligação com o interior, é chamado de bidimensional. **Os bidimensionais não escutam mais o “barulho” do registro ontológico, precisam de ajuda para sair deste lugar achatado no qual todas as vivências são controladas e sem gosto. A ajuda terapêutica, muitas vezes consiste, em ajudá-los sofrer.** A condição humana cobra um sentido na vida e junto com este estamos abertos necessariamente à experiência de dor e beleza. Homem que não sofre é homem máquina.

O segundo modo é o tridimensional. **Os tridimensionais que habitam a maior parte no registro ôntico, mas que são afetados, em algum momento de suas vidas pelo registro ontológico. Nossa ajuda é acompanhá-los pelo trânsito na vida.**

E por fim, os abismais e espectrais, ambos são atravessados pelo registro ontológico a maior parte do tempo. Os primeiros tiveram acolhimento desta escuta e puderam, muitas vezes, vocacionar-se a partir dela. Os segundos não tiveram o acolhimento necessário, muito provavelmente sua fala foi tratada como loucura. Vivem como se fossem um espectro do mundo.

Para ambos os casos, o que melhor podemos fazer é **testemunhar, e não tratar como loucura, a escuta que eles têm do registro ontológico**. Com o nosso testemunho, damos lugar a experiência no espaço e no tempo, enquadre que permite que a escuta do ontológico possa ser colocada em devir. E eles nos contam do sagrado, dos vestígios dos deuses foragidos, que acredito ser a esperança de cura de nossa era.

Nossa escuta dos abismais/espectrais tem duas funções importantes: **testemunhar e dar lugar a eles nesta terra adoecida e lembrar o resto de nossa comunidade o sagrado dito por eles. Habitando o abismo eles anotam os sinais dos deuses foragidos e contam para nós seus vestígios.**

A postura terapêutica assentada na postura poética, mais do que tratar indivíduos isolados no mundo, pensa o homem enquanto ser aberto no mundo. **Assim cuidar de um é cuidar de todos, é cuidar da comunidade. Ao habitar poeticamente resistimos às características indigentes de nossa era.**

Depois de fornecer este precário mapa que ressalta os princípios da postura terapêutica assentada na perspectiva poética, aonde quero chegar junto com o leitor?

Quando Gilberto me pediu para escrever meu percurso relatando os momentos que eu reconhecia como poético em minha caminhada fiquei muito confusa. Meus pensamentos foram: “Mas pra que escrever meu percurso? Sou tão jovem? Minha carreira nunca teve nada de tão interessante... Seria mais interessante fazer um trabalho teórico, afinal já estudei bastante até agora”.

Demorou para eu compreender que meu orientador estava me orientando a fazer uma dissertação carne, não uma abstração teórica. Estava me convocando a habitar uma postura, mais do que remeter a uma letra.

Aproximar a postura terapêutica assentada na postura poética demanda, mais do que uma “incrível” compreensão de textos filosóficos e poemas de grandes poetas, habitar este mundo na medida humana.

Como Heidegger afirmou, a morada do homem na terra dá-se neste medir com o sagrado e assim somos mortais. Medir-se com o sagrado e assim abrir mão de um saber que controla e constrói tudo. Um pé no saber e outro no não saber. E segundo Pessanha⁹⁴:

Não se trata mais de falar e discorrer sobre as coisas, de fingi-la ou simulá-las com o intelecto. Quando mudamos de discurso, nada acontece além de uma auto-inflação intelectual e de um aumento de poder discursivo. A urgência não está na mudança de discurso, mas na alteração da nossa relação com a linguagem com a palavra. Por isso, muitas vezes conversamos com um especialista em Dostoiévski ou com um especialista em Kafka e logo ficamos imensamente tristes e decepcionados, pois percebemos que em sua história, em seu corpo e em sua conversa não há o menor sinal de qualquer inquietação kafkiana ou dostoiévskiana, e que ele, em sua víscera, desconhece inteira e realmente aquilo sobre o que fala e que sua vida se desenrola na antípoda da idéia que propaga. (2006, p.33)

Logo, com esse trabalho, não quis me tornar uma especialista em Heidegger. Quis antes mostrar em minhas vísceras sinais de inquietação heideggeriana. Por isso contei tantas histórias.

Assim, com o leitor ao meu lado, ficaria feliz se o meu trabalho servisse de convite para habitar uma postura, mais do que remeter a uma letra, pensando a própria prática clínica a partir de um ethos humano e não por referenciais puramente abstratos e teóricos.

Aqui forneci, com meu percurso primeiramente e depois com meu esboço de mapa, alguns princípios que apontam para a morada humana, acredito que o leitor possa **usá-los como vértice da própria caminhada.**

Ao fazer este trabalho brinquei, peguei referenciais externos e teóricos e vinculei aos meus sonhos. Por isto, acredito que este trabalho não é puramente subjetivo, pode servir de referencial para outras pessoas que decidam usar o referencial poético em seu trabalho com seres humanos. Cada leitor que quiser fazê-lo, deve brincar com meu texto, vinculando-o aos seus sonhos, habitando uma postura.

⁹⁴ Pessanha, J. *Certeza do agora*. Cotia, SP: Ateliê Cultural, 2006.

É preciso ressaltar que **não contemplei todos os aspectos da postura terapêutica assentada na postura poética**, por isto este trabalho pode ser considerado incompleto. **Escolhi abordar os aspectos que se desvelaram em minha prática clínica. Pautei-me na minha pouca experiência.**

Para concluir uso mais uma passagem. Senta que “lá vem história”, mas esta será a última.

Benjamim (meu paciente de AT, lembram dele?) me convidou para assistir a sua formatura, e como parte da cerimônia, teria sua defesa de tcc (trabalho de conclusão de curso).

Demorou para ele me contar o tema que ele estava trabalhando e, quando me contou, tomei um choque. Seu tema era o poeta Carlos Drummond de Andrade. Nesta época estava começando esta dissertação. Então tínhamos o mesmo tema e nem sabíamos. Mistério!

No dia da formatura, sua defesa foi apresentada em forma de vídeo, pois ele não quis se apresentar ao vivo na frente de todos. A última pergunta da “banca”:

-Benjamin, o que você conclui com os poetas?

- A vida.

Faço minhas as palavras de Benjamim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BACHELARD, G. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAHKTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P.393-341.
- BARROS, M. Uma didática da invenção. In: _____. **Livro das Ignorâncias**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____, Mundo Pequeno. In: _____. **Livro das Ignorâncias**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____, O livro sobre nada. In: _____. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BORBA, F. S. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: Unesp, 2004.
- DESCARTES, R. Meditações, tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. In: _____ **“Os pensadores”**. São Paulo: Nova Cultural, 1973.
- DRUMMOND, C. Especulações em torno da palavra homem. In: _____. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2008.
- _____, Procura da poesia. In: _____. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____, O lutador. In: _____. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- HEIDEGGER, M. A essência da linguagem, tradução Marcia Sá Cavalcante Schucack. In: _____. **Caminho da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco, 2003.p.121-171
- _____. O caminho para a linguagem, tradução Marcia Sá Cavalcante Schucack. In: _____. **Caminho da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco, 2003. p.191-216
- _____, Para quê poetas?, tradução de Bernhard Sylla e Vitor Moura. In: _____. **Caminhos de Floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p.309-367.
- _____, A origem da obra de arte, tradução e apresentação e notas de Maria José R. Campos, publicada na *Kritérion*. Revista de Filosofia, número 76. In: _____. **Caminhos da Floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- _____, ...Poeticamente o homem habita..., tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: _____. **Ensaios e Conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco, 2002. P.165-181.
- _____, **Introdução à filosofia**. Tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

_____, Sobre a essência do fundamento. Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. In: _____. **Marcas do Caminho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.134-188.

_____, Sobre o Humanismo. Tradução e notas de Ernildo Stein. In: _____. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1973. p. 345-373.

_____, Sobre a essência da Verdade. Tradução e notas de Ernildo Stein. In: _____. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1973. p. 325-343.

_____, **Que é Metafísica?** Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

_____, **Seminários de Zollinkon**. Tradução Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____, **Ser e tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

-JARDIM, L.E. **Um estudo sobre as afinações a partir da ontologia fundamental de Martin Heidegger: contribuições para as práticas clínicas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2009.

-LISPECTOR, C. **Água Viva**. São Paulo: Artenova, 1973.

-PRADO, A. Espírito das Línguas. In: _____. **Terra de Santa Cruz**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

-PESSANHA, J. **Certeza do agora**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2006.

-PESSANHA, J. **Instabilidade Perpétua**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2009

-PESSOA, F. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. O infante. In: _____. **Mensagem**. São Paulo: Editora Abril, 2010.

_____, Guardador de Rebanhos. In: _____. **Poesia Completa de Alberto Caetano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____, Poemas Inconjuntos. In: _____. **Poesia Completa de Alberto Caetano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

-QUINTANA, M. **Caderno H**. São Paulo: Globo, 2006.

-ROSA, J. G. Buriti. In: _____. **Corpo de Baile**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2006.

_____, **Grandes Sertões: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____, **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)**. Belo Horizonte: Ed da UFMG, 2003.

-SAFRA, G. **A face estética do self**. Aparecida, SP: Idéias & Letras: São Paulo: Unimarco, 2005.

_____. **Hermenêutica na situação clínica:** o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

_____. **A pó-ética na clínica contemporânea.** Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

-SAFRANSKI, R. **Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o Bem e o Mal.** Tradução Lya Luft; São Paulo: Geração Editorial, 2000.

-WERLE, M.A. **Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger.** São Paulo: Edunesp, 2005.

-WINNICOTT, D. A localização da Experiência Cultural. In:_____.**Brincar e Realidade.** Rio de Janeiro: Imago Editor, 2004. Cap. VII, p.133-143.

_____, O lugar em que vivemos . In:_____.**Brincar e Realidade.** Rio de Janeiro: Imago Editor, 2004. Cap. VIII, p.145-152.

_____, O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In:_____.**Brincar e Realidade.** Rio de Janeiro: Imago Editor, 2004. Cap. IX, p.153-162.

_____, **Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 2007.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)